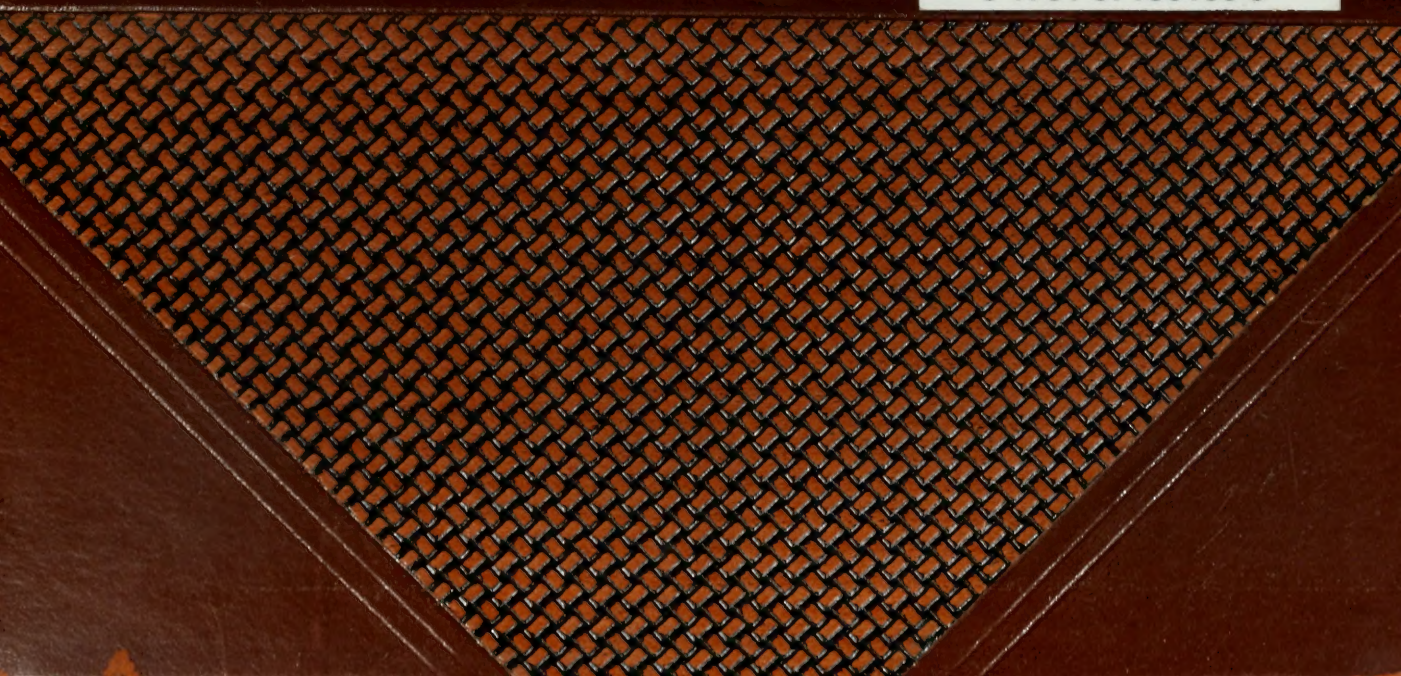
3 1761 07136105 9



Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/miniaturas00ara

MINIATVRAS

NORBERTO DE ARAVJO

Desenharam e aguarelaram: COLUMBANO · J. VAZ · CARLOS REIS · SOUSA PINTO · ROQUE GAMEIRO · ALBERTO DE SOUSA · D. HELENA GAMEIRO · ALFREDO DE MORAIS · MARTINHO DA FONSECA

LEITÃO DE BARROS fez a capa

Aillaud e Bertrand 1$50

PARIS—LISBOA

MINIATURAS

TIRAGEM ESPECIAL

20 exemplares em papel de linho, numerados
e rubricados pelo autor

NORBERTO DE ARAÚJO

MINIATURAS

LIVRARIA AILLAUD E BERTRAND
PARIS—LISBOA
LIVRARIA CHARDRON | LIVRARIA FRANCISCO ALVES
PORTO | RIO DE JANEIRO
1920

PQ
9261
A76M5

Para a Ernestina, minha filha

êste livro descuidado.

. . . E nem a vida é outra cousa senão uma minúscula miniatura, engastada de desesperos, ilusórias alegrias, revelações atraiçoadas. Vinte linhas cada vida arrancada ao livro sem fim que vem do eterno velho e vai para o eterno novo, por aí fora, na renovação contínua dos esmaltes. A vida! Miniaturas vagas, imprecisas, incoerentes, átomos de qualquer cousa que nunca chega a ser e se dispersam como as impressões dos líricos débeis. Interiores onde os corações descansam sob a almofada macia dos afectos, toda ela feita de penas. Paisagens onde as almas abrem asas, na ânsia das côres, na sêde impulsiva das

frescuras virgens. Catástrofes, lendas, epopeias — miniaturas! Tragédias da carne, paixões de querer de mais, comédias da virtude, abnegações ignoradas, histórias de amor — miniaturas! Sôbre todas elas, desde o comêço dos mundos, desceram as orações dos crentes e o juízo crítico dos filósofos. Que desça sôbre estas a ternura dos vossos olhos, leitorazinhas, e a côr amiga do vosso comentário, espíritos ágeis, irmãos do meu. Isto são esmaltes ovais, onde a forma desabrochou tal qual à mercê da inspiração. Reflexos de velhas porcelanas lavadas por lágrimas, de marfins polidos por beijos...

INTERIORES

Dentro dos lares, como dentro de cada alma, sentem-se e interpretam-se melhor os fenómenos parados das existências. Dos casulos íntimos, onde cada inspiração se recolheu até a hora inevitável da asa, vêm às vezes canções harmoniosas que enchem depois a terra inteira. As cousas têm ritmo...

Emquanto a pena espera e o pensamento acende a chama, o fumo do cigarro sobe e tergiversa. É azul e lindo. A cinza vai caindo na pequena cerâmica circular do cinzeiro, uma destas aneleiras de bom Rato, onde a nau de Cristo voga e abre esperanças da Índia. Que lindo o mar! Que majestoso o oceano na tentação do seu desconhecido! Nesta miniatura de vidro esmaltado, que lindo — olhai — que lindo o mar! Ondas revôltas pintadas de azul confessam cobardias, falam dos seus mêdos no tempo das quilhas da *S. Gabriel*. E sobe o fumo e o pensamento tarda. Ah! Todo o passado de Portugal, a sua glória e a sua beleza, vão nesta nau de aventura, nas suas velas inchadas de fortuna e na sua cruz de Cristo; nesta nau de sonho, em cujo fundo de mar distante se confunde neste momento a nuvem côr de cinza e a cinza do meu cigarro...

*

Defronte da mesa do meu trabalho, por cima de um Tanagra, está *L'Indifférent* de Watteau, do gravador Rajon, numa água-forte da colecção La Caze. E à roda há mais quadros, em côres, em carvões, em cópias, acumuladas sôbre óleos e aguarelas. Paisagens, casas, um terramoto velho, a fuga de D. João VI miniatural, umas cabeças românticas, trechos da cidade, conflitos, uma caricatura, um poente, e *Le Soir de Saint Privat,* de Protais, gelado na morte que a estampa ressuscita. É a vida, a existência multiplicada, a dor e o amor, a beleza e a monstruosidade. E no meio de tudo aquilo, *L'Indifférent* está sumptuoso, solene, belo, levantando numa graça o veludo da capa, onde a renda do punho deixa a nota subtil da futilidade. Faz o seu passo de dança e parece contente do criador. Na amálgama da parede, onde escorre o inferno da vida, apenas êle representa a sabedoria. Foi ontem assim, é hoje assim, as horas passam e *L'Indifférent,* indiferente e famoso,

faz de conta que na parede, onde o verde mordido do sol tem manchas de côr morta, é êle o único que existe e compreende a sua existência.

*

Tenho um candeeiro de três bicos, que vem de longe. Serve de ornamentação, em regra, tanto a velharia hoje é cousa ornamental. Suas torcidas secaram e os atributos do objecto histórico têm já manchas de verdete. É raríssimo utilizá-lo. Mas, mesmo pôsto de parte, eu tenho amor ao candeeiro. Na complicação da vida moderna, a sua simplicidade ameniza. Para ler uma carta de Vieira, um soneto de Quental, a luz mortiça, quebrada no reflector, tem luar. Uma confidência esconde-se na sua luz velada como uma claridade dentro doutra. A seguir à civilização do azeite, toda a iluminação é bonita, mas bonita como a beleza do pó de arroz. Vindo de fora, ameaçada de afundar-se a vontade nas convulsões do oceano moderno, ou quando os graves problemas da alma dançam em frente da consciência, sem saber por onde

seguir, reclama-se o candeeiro de três bicos. A sua luz tem a fulguração mística das alâmpadas ; o seu tremular é calado. Dá-nos um conselho o velho candeeiro amarelo, e, quási sempre, ao seu pequeno clarão religioso adormecem mais cedo os olhos e acalmam-se as paixões...

*

Tenho-a diante de meus olhos. No pequeno cofre espanhol, maravilha da arte religiosa, profana quási, quási feminina, na melindrosa altivez dos seus pilares, encontrei, numa névoa de saùdades, esta miniatura, por sua vez recolhida ainda dentro duma urna de cristal de rutilações opalinas, cantos de ouro e alma de sol intacto, ali guardado séculos naquela nave escura do pequenino cofre místico. A miniatura é linda. O rosto infantil, de marfim polido, com reflexos de iluminura, repousa sôbre uma almofada de ónix, que encosta ao leito de madrepérola virgem, que é o arminho onde se recolhem os sonhos de 17 anos. Rodeiam-na pérolas, que, como certas faces de monja,

começam a vestir-se de ouro pálido quando chega a saùdade dos brancos, que foram colo de pomba, coração de açucenas. Quem seria esta mulher, e que amor a consumiu dois séculos? A que princesa, menina castelã ou morgadinha de rimance pertenceria o pequeno rosto miniatural? Reponho a miniatura e fecho o cofre, emquanto o órgão geme a Ave-Maria, de Archer, e pela saleta correm desfeitas, como espirais subindo de um trípode oriental, delicadas lendas de relicários que contiveram todo o sonho duma existência. Deixo a miniatura dentro do seu mistério, que todo o mistério é uma miniatura que a gente faz girar entre os dedos, profanamente, sem olhos para a entender, alma para a sentir, poder divinatório para chorar com ela...

*

No seu *cachepot* azul, que foi de Queluz, assente sôbre o prato da coluna torneada, que tanto pôde suster noutros tempos um missal gótico como um vaso etrusco de perfumes — a avenca deslumbra. Faz-lhe a côrte, abrin-

do-se para os lados como para a deixar passar, o cortinado branco de tule puríssimo de noivas, caindo do alto em harmoniosas pregas descuidadas. A avenca, muito fresca, de hastes finas subindo da terra húmida em graciosas pernadas de gazela, domina esplêndidamente, num preciosismo discreto, a macieza sonolenta da saleta. As cousas graves, as cousas ténues, os móveis, um bronze, um pêndulo, um livro aberto, uma carta, um lenço de rendas — dormitam. E a avenca abre, desdobra-se, flutua, estende as fôlhas recortadas, sente-se rainha, castelã, senhora da casa toda. Entre as suas vinte pernadas, muito finas, muito direitas, muito pretas, e luzidias, como se fôssem gigantescos troncos setinosos nalguma floresta imaginária de *adiantos,* os meus olhos adivinham minúsculas Dianas perseguindo os gamos e distinguem cavaleiros duma raça estranha e perfeita que galopam ao som dos *evohés,* arrebatando, desgrenhadas, na garupa, donzelas bíblicas, orgulhosas na sua nudez académica dos mármores, tal qual a dêste Tanagra branco que se espreguiça agora diante de mim, na tentação paradisíaca da avenca...

*

Tem uma cintura graciosa e ágil esta ânfora recoberta de baixos relevos de costumes infantis, e as suas asas, como braços que se abriram e caíram sôbre as ancas, dizem os últimos suspiros do espreguiçar na hora da lassidão. Há objectos que falam: a ânfora pequenina que eu vi, amparada por agulhas de ouro, sôbre a mísula de ébano, coberta de um retalho de sêda oriental, parece balbuciar só para mim, no perfume que ainda rescende do pálido Falerno morto, qualquer lenda heróica de amor, que a Fatalidade criou. Emquanto espero, ouço a música das cítaras e os meus ouvidos recolhem o som débil dos pincéis que os dedos miniaturais das virgens de Peloponeso fazem correr sob o barro doce, nos átrios floridos e amplos. Mas a mulher que é dona dêsse recanto discreto de luz, onde me enlevo, entra agora, no seu passo lento tirado da figura animada dalgum friso precioso. Ela fala-me; vejo-a erecta à altura da mísula e sinto do seu hálito o perfume capitoso que embriagava os guerreiros.

Neste minuto indeciso do lusco-fusco, o seu corpo contorcido de vespa, vestido de reflexos, dá-me a impressão de que ela própria e a ânfora são uma e a mesma reminiscência duma beleza longínqua irreconstituível.

*

Entro na sala magnífica do Palácio, morto hoje, e onde uma vida intensa teve outrora um período dominante de belezas. Os móveis e as tapeçarias, os quadros e os bronzes velhos, como figuras que tivessem sido, dormem todos o sono do esquecimento. Toco meus dedos no *tam-tam* oriental, e um som majestoso percorre toda a sala, abraça as cousas, entra e sai nas rosetas de talha, sobe e desce as colunas, enlaça-se nas figuras, beija a sêda velha e a face rosada das *Pompadours,* extingue-se no teto apainelado, não conseguindo acordar nada do que dorme, e mal levantando a pálpebra caída da poeira invisível. E lá está o espelho, irónico, indiscreto, condescendente, na sua moldura estalada de oiro velho. As outras cousas, pobres

delas! não têm olhos, não podem sentir, falta-lhes a luz que leva a saùdade ao coração: adormeceram. O espelho é o único que vela. E o que êle sabe, e viu, e guarda, o reflectido espelho! Segredos de alcovas, lágrimas de namorados, a súplica de joelhos, o madrigal florido, o toucado que se desmanchou, a mesura inocente, a promessa, a ameaça, o beijo na mão, o beijo na bôca!... Tudo viu, tudo perdoou, tudo calou. E fico-me a olhá-lo, no seu aço que se vai apagando, como o brilho nos olhos de certos velhos saùdosos. E parece-me ouvi-lo, misericordioso, suplicante: «Não quero *touristes*, não quero visitantes. Tragam-me os meus namorados, os meus amantes, os meus noivos!»

*

Era da mourama; tinha a tez mais branca de toda a sua raça; no olhar incendiado, mas vencido, havia a languidez dos desertos mortos, e parecia a toda a gente que transpirava perfumes castos das frutas trazidas dos pomares de Ceuta para as arcas de Alcáçova.

Era escrava de alguêm, e tinha a mesma idade dum pagem, fidalgo e louro, como alguns dos que haviam de ir um dia a Quibir. Dizia-se que se queriam ambos, mas que ao mocito da senhora infanta fôra vedado devaneios com a hereje, com tanto desgôsto de ambos, tanto, que entraram a definhar-se como círios. Por muito se quererem se fizera a moura devota de certa Virgem que havia na capela do Paço da Ribeira, e onde lhe era consentido, não se sabia por que estranho privilégio da irmã do Rei, entrar a certa hora da tardinha, sem que os frades se dessem a reparos de profanação. Ali ia a hereje, e, solitário o lugar, trepava ao altar em bicos de seus lindos pés descalços, beijava num estremecimento de sangue novo a face da Virgem, compassiva e risonha. Já se murmurava pelos Paços, já pelos píncaros habitados e rudes protestavam as gentes. Mas a Virgem continuava a sorrir. É que só a Virgem Mãe sabia que, cedinho à hora matutina, o pagem louro da infanta trepava ao seu trono para lhe deixar na face o beijo cristão de amor, o mesmo beijo devoto que a moura, renegado o alcorão, lá ia buscar à tardinha em frémitos de convertida . . .

*

No salão dourado da princesa, a sua filha, a loura Rubi de olhos de encanto, passa seus dedos ágeis pelo marfim do velho cravo provençal, que fôra já da avó e tem atrás de si um Tombo que vai até as castelãs medievais, de faces de cera, lábios pequeninos de gômo e cabeleira tufada de perlas. É suave Rameau, e os deditos dela passam, mal pisando o teclado, numa cadência que o seu corpo de haste, vestido de curvas maravilhosas de lígia, acompanha em ondulações de sonho. Está corrida a sêda esgarçada, como relíquia mística, que defende o salão do que vai por fora, uma manhã linda, braços de arvoredo saindo desesperados da neve que os aperta, e montes distantes, envelhecidos neste inverno. Um lírio pálido, uma ânfora saùdosa da criadora, uma cabeça egípcia de mármore negro, umas *horas*, com sua fita vermelha e o castiçal apagado há quatro séculos, tudo isto tem olhos e ouvidos e alma para ouvir Rameau, dos dedos da loira Rubi. A sua boquita agora canta Ronsard, e os versos vão

de leve, subindo, subindo até o vitral italiano que fala cousas de Pisa, e escuta também. Porque será que Rubi, fugida da sua câmara rosa, se acolheu hoje ao salão dourado da mamã, e assim canta, e vibra o cravo, e está alegre, e faz aumentar o seu encanto? Ah! só agora vejo. O quadro não estaria completo se ao fundo, na estrada, entre a neve, não estivesse espreitando um belo mancebo, faces de luar e olhos de cavaleiro aventuroso, que ela já surpreendeu, quem sabe se muito feliz. E fico-me a pensar no quanto valiam aqueles sábios tecelões, irmãos dos *sarrazinóis,* que faziam tapêtes como êste, e sabiam escolher assuntos e eternizar no alto liço manchas da vida, que hoje só pelo tapête a gente sabe que foram alguma vez possíveis.

*

No prato cristal de melindroso Baccarat, de pé em banho de ouro, os morangos, muito vermelhos, enfeitam. A sala de jantar com seu cunho teimoso de português atrasado, pratas e óleos, cerâmica azul, claridade, está

pronta como uma noiva que espera a hora. E os morangos conchegados, esperando também o sacrifício, recordam Sintra. Que saùdade a dêles! Saùdade da água que corre, das nuvens rasgadas, da frescura que os lavava, dos namorados que passavam, de tudo o que êles viam, rasteiros e humildes, no chão abençoado onde nasceram. Nisto, pé ante pé, sôbre a passadeira discreta, entra na sala um Rubens animado, louro, tal qual os anjos do *Jardim do Amor*, e, mal chegando à mesa, muito no bico dos sapatos, estende o braço, puxa a toalha, arrasta os cristais, abre as mãozitas rosadas, e os seus dedos enlevam, agora um, depois outro, os morangos compassivos e felizes. A sala continua no silêncio morno do santíssimo meio-dia criador. É edificante, absoluta, a cumplicidade das cousas à roda, as flores, os linhos, os Limoges, as gôndolas no *tapis*. Mas a hora chegou e pelo corredor vêm passos. O pequenito escapa-se e com êle os morangos. Um único, muito pisado, sôbre o cristal vazio, põe a sua nota de acusação e tristeza. Silêncio à roda da mesa, trágico silêncio. Há um cálice tombado, há pingos de sangue; houve crime. Em olhares interrogam-se os presen-

tes. Quanto ao Rubens, que entrou há bocadinho sem se dar por isso, está um amor de inocência e gravidade, na sua cadeira alta, defronte do choroso e sacrificado sobrevivente.

*

Entrei em casa do Poeta. É uma criatura branca, harmoniosa e simples; tudo que é dêle e vive dêle respira ritmo como os seus versos ignorados. No corredor do jardim, as rosas e os gerânios, em melodias na disposição descuidosa dos canteiros, realizavam versos; no átrio, o melhor sorriso de quem me recebeu — oh virgens gregas! — cantava como uma redondilha, e tudo era equilibrado e simples, idealista, lírico, espontâneo. O Poeta sabe tudo e de tudo. A sua felicidade resulta da sua virtude e não da sua inconsciência; a sua fôrça vem mais da beleza de que se rodeia do que do desprêzo a que o votaram e êle se votou. Falou-me da vida, da arte, da política, da Pátria, do amor e do sacrifício. Tenho o seu ritmo no ritmo da minha forma. O seu nome anónimo ficou

sendo meu amigo; a sua melodia será a companheira feliz da minha rudeza. Passaram horas sôbre a nossa conversa. Tenho nos olhos os seus alexandrinos em flor e pregunto a mim próprio se a profecia da existência não reside mais no verso humílimo dum soneto do que nas páginas famosas e sábias dum tratado...

*

Sob o escudo brasonado, carcomido de séculos, de extintos morgadios, que dá relêvo ao portal fidalgo da casa velha de seus avós, aquela menina, sol de catorze anos, delgadita, atitude rítmica combinada com a fala de melodia, lento o gesto, como o dos gregos pintores de ânforas, passa o dia lendo Júlio Dinis. Falei-lhe, e ela me ouviu, e no seu isolamento bucólico, na hora decadente do sono, ela recebeu minhas palavras como balada novíssima de cavaleiros. Fez-se noite. Vem a criada, sombra de 90 anos, ordenar que se deitasse. Dei a melhor boa noite que os homens têm para dar, sobrenadando nela a raríssima sinceridade pura dos momentos

ingénuos. Estou agora à beira do seu leito. O avô, a meu lado, reza. Lá fora chora a natureza a humidade, e no escuro descansam as flores. Olho-a. ... Pequeno coração que adormeceu tranqüilo, assim como ao poente o coração da flor, sem um tremor fugaz — eu acharia nele, se pudesse abri-lo, nem sonho a reflorir, nem tentação de amor, mas só a paz, a paz...

*

Venho de casa do escultor. É aquele desiludido que vive entre gessos e abstracções divinas, desde que para êle se apagou, numa fuga, o amor duma mulher, único de toda a sua vida. Ouvi que tinha agora um único culto: as flores, para as quais, nos intervalos da inspiração, quando os dedos e a luz da idea se cansavam, vivia religiosamente. Venho de casa dêle e trago nos meus olhos os olhos seus, húmidos como depois duma catástrofe. Rodeado de flores mortas, rosas que tiveram côr, lilases que tiveram orgulho, cravos que se desfizeram em aromas, o infeliz sofre. As flores, à falta de água, entraram

a fenecer, e ao cabo morreram todas. Vejo-o fulminado. Nunca lhe tinha passado pelo espírito que as flores, suprema graça, pudessem perder o aroma... E numa última adoração, como a defendê-las da promiscuidade igualitária dos lixos, ali está, diante dos cadáveres, compondo-os maternalmente na jarra azul Viana, até que elas sejam pó, se desfaçam numa saùdade...

*

Aquela jarra azul, em corpo de ânfora e asas simples de samaritana, de escudo D. João V, falsa, mas linda, lindíssima, e muito suave sôbre o negro do contador pequenino e ingénuo, quebrou-se há dias. Devo esta graça à maldade duma pequena de meia dúzia de anos, que ligou à preciosa peça um valor igual ao das bonecas de libra que o menino Jesus traz todos os anos de Paris à *cheminée* quente dos sonhos ideais. E sòzinho, ponho-me a olhar o móvel nu, e faço substituir a ânfora por cerâmicas elegantes de vários tempos: escolho, distingo,

coloco, modifico, vejo de longe, e nada. Aquela jarra morta era tudo. Nada a iguala. Não há substituição para ela. O pobre contador de seis gavetas mordidas de duzentos anos parece agonizar na meia sombra da saleta sem a pequenina jarra. E eu conformo-me. Já agora, nesta desgraça de a ter perdido, ainda encontro uma maneira de a ver todos os dias. É não a ver substituída nunca.

*

Naquele momento exacto voltava eu a página do penúltimo capítulo. Não há nada na província para uma pessoa se capacitar da gravidade do problema económico como ler romances. No confôrto sêco da antiga saleta solarenga, vôos de rôlas pelos beirais e vozes de servos pelas escadas — nenhum outro som à volta — o momento era azado para chorar à vontade a sorte infeliz da pobre noiva e acabar a leitura. Mas nisto entra o *Formiga*, pequeno gato ângora mole e voluptuoso, que me encara, passa adiante, salta um cadeiral D. João V, assento e espaldar

de boa sêda vermelha, velha como uma convicção de família, e toma-se de confiança com a boneca da Mariquinhas, que é a cabeça negra e a face morena mais cigana do reino feliz da petizada. E parei o romance. As festas do felino à pobre criaturinha de louça, a maneira como êle com as garras compõe o vestidinho de sêda azul horizonte, o seu geito no despentear da trança, é tudo tam edificante como a minha cumplicidade. Ó céus! Ó catástrofe! Quem tal havia de esperar! A boneca cai, a cabeça quebra-se, e já estafado o vestido, a sêda da cadeira, a peça do toucado, partida uma perna, que é tudo quanto constatei de relance emquanto o *Formiga* desaparecia para a última dispensa — presenceio corajosamente a responsabilidade do meu consentimento. E se tudo isto pudesse ter sido ontem! Decididamente o *intermezzo* foi pesado. Aterra-me. E não há maneira já de conciliar o sentimento para a leitura do último capítulo do meu romance...

MEDITAÇÕES

«Toda a harmonia que existe oculta é preferível àquela que se vê». Heráclito, na opulenta Efeso, junto às colunas do Templo de Artemisa, encontrou uma harmonia nova na meditação. Quando as almas se concentram dentro de si próprias, ainda é, e sempre é, ritmo, verdade, beleza, o fumo que se eleva do fogo íntimo em que as almas se lavam, consoladoramente.

Quem tem mais direitos sôbre uma alma, a amizade ou o amor? Onde reside mais a candura? a lialdade? a divindade? Desde o princípio dos mundos que estas interrogações andam à superfície, e debalde as criaturas se concertam acêrca delas. A amizade dura uma vida inteira e todavia a vida dispensa a amizade; o amor pode durar duas horas e contudo a vida é feita e continuada pelo amor. E a pregunta se repete: quem tem mais direitos sôbre uma alma? o amor ou a amizade? E a pregunta se transforma: é mais fácil a amizade converter-se em amor, ou o amor em amizade? Interrogações vãs! Nem toda a sabedoria dos sábios e a experiência das velhices trilhadas chegam para responder-lhes. E é talvez por isto que no egoísmo material em que se debatem as existências, a amizade se vai tornando cada vez mais rara, e o amor, como nas suas novelas, se vai tornando cada vez mais inverosímil...

Há duas espécies de homens inquietos: os velhos que querem parecer novos e os novos que querem parecer velhos. Êste desassossêgo é o resumo da vida: ansiedade e desilusão. Nem a vida mesmo é outra cousa senão a ascensão vertiginosa, louca, ansiada, para um céu de estrêlas, donde depois se pretende descer, logo que as estrêlas se apagaram. Ai daqueles em cujos olhos couber o céu imenso e o seu milhão de constelações! Ai dêles! que na hora da descida pode parecer pequeno o céu para o seu cortejo sinistro de astros mortos!

Quer o pensamento no homem alimente uma idea, quer dê asas a um amor, é sempre uma fera que o homem traz dentro de si. Ruge nele como um oceano, toma-lhe as horas do dia, os sonhos da noite. Os que não amam nem idealizam, como as jaulas sem

leões, devem estar tranqüilos e gelados. No sono, quietíssimo e vazio, parecerão cadáveres; na actividade, incoerente e sem norte, devem assemelhar-se a fantasmas. A quietude é uma baixeza...

*

Ouço os sábios falar da Dor, ouço os poetas, os filósofos, os novelistas, os tratadores da Vida. E sempre neles a Dor é profundo abismo, chaga imensa, dentro de cujo inferno o homem se debate impotente, inútil, farrapo. Batido pela Dor, como fera esfaimada pelo chicote, o homem ruge. Nessa chaga, onde o punho do remorso ou do castigo cabe à vontade como gigantesco braço na bôca da cratera na montanha sangrenta, a Dor, ululante e dantesca, abre a bocarra, desgrenhada, fatídica, horrenda. Os filósofos fazem da Dor trovão, rugido, inferno. Os poetas cantam-na lágrima, oceano, tempestade, uivo de desespêro. Mentira! Mentira! Nenhum dêles sofreu. Mentira! A Dor não chora, a Dor não ruge, não blasfema, não se confessa. Noite de luar tranqüilo, imobilidade,

passividade, eternidade — a Dor é feita de silêncio. Nas horas caladas em que as existências e à roda delas sucumbem no sono, a Dor vela, e ouve-se-lhe bater o sangue nas veias. Olha: caiu agora uma estrêla, uma fôlha de árvore, um pássaro tonto, do ninho. Ouviste? Não.—Virgem que perdeu o noivo, mãe que perdeu o filho, amante que perdeu o amante... Ouves a Dor? Não. Nada, nada...

*

Ouvi o filósofo. Êle dizia: «Sentei-me à soleira da minha porta e vi passar os homens. Vi que todos eram iguais, o escravo e o senhor, o tirano e o humilde. Interroguei das suas lamentações e percebi que a causa do pranto era diversa, mas a mesma a maneira de chorar, toda ela cheia de falsa humildade. Ouvi-lhes as queixas e lobriguei no escravo a ameaça escondida, a mesma que o senhor trazia no lábio cerrado. Ao dia de ontem sucederá o de hoje e ao de hoje o de amanhã. E os homens continuam a passar e já dêles não distingo o senhor e o escravo. No que

conduziu as pedras para a pirâmide de Mêmfis há a mesma sêde de sangue do homem que susteve o chicote. Passam e ouço-lhes os passos. Onde quer que assentam os pés, uns e outros desejariam achar a cabeça do que vái adiante. Os amores e os poentes sucedem-se indefinidamente e nada meus olhos vêem modificar-se do que foi e continua a ser». Disse isto o filósofo. Como quer que eu o tivesse olhado muito, e na pedra houvesse dois lugares, êle ofereceu-me um. E eu sentei-me.

*

Fui ouvir ontem o homem ímpio. Disse êle: «O amor que prègava Cristo e que converteu Madalena e os centuriões é o mesmo que liga as bôcas dos noivos, porque êle é eterno e vive em toda a parte como partícula invisível de Deus e germe fecundo da vida. Passar pela vida sem o amor é ser inferior à condição da existência, atraiçoar o sentido da existência, negar a própria existência. Êsse amor, o dos ascetas, o dos filósofos, o dos amantes, o das sôrores, o das prosti-

tutas, o das virgens e o dos revolucionários é todo o mesmo, sagrado, imaculado, irisado. Todo êle tem a lágrima que chorou a nossa mãe para nos dar à luz. Amar uma idea, uma mulher, um filho, é continuar a vida em plena luz. Quem está na sombra não compreende a minha doutrina; liga ao amor a idea irracional do contrato de dois sentidos e insulta-me. Se há sôbre a terra pureza, claridade em suave luz como de alâmpada em altar de madona, ela está exclusivamente nesse amor, que é febre da idea que leva às prisões, que é chama de querer que leva às volúpias, que é carinho para os filhos, que diviniza a ternura e assegura a continuação...». Assim disse o ímpio. E eu então copiei tudo.

*

Camões dormia com Vergílio à cabeceira. Arouet revia Aristóteles nos intervalos das suas irreverências. Alighieri ia buscar a Sócrates a tranqüilidade que as contorsões dos tercetos lhe esgotavam. Um livro foi sempre o amparo do homem. Nesta época em que

tudo se despenha da sua tôrre, as doutrinas, as aspirações, as vaidades ; neste tempo frio em que nada aquece, em que nenhuma brasa perdura, nem obra, nem ideal, nem mulher — ainda são os amigos a única esperança onde descansar a torturada cabeça. E entre estes, primeiro que todos, mais lial que todos, tanta vez único, tanta vez só, ainda é o livro o melhor. Há nele uma resignação sempre, uma inspiração sempre, um conselho, uma boa palavra sempre. As suas fôlhas têm sempre um branco salutar e piedoso ; as suas letras pequenas e humildes têm sempre uma claridade que ilumina alguma cousa, uma claridade como a luz das alâmpadas, suficiente para no seu confôrto se aquietarem as paixões e se rever com um pouco mais de ternura a lição interrompida que ficou de véspera. . .

*

Abro as bíblias e os catálogos dos museus, leio os poetas e os historiadores sagrados Perco-me na leitura de S. Marcos, indago da poesia de S. João, em Efeso, embrenho-me

nos actos dos Apóstolos, de Lucas, na Achaia, e não encontro Cristo! Vejo os crucificados tranqüilos de Fra Angelico e Pinturicchio, os nazarenos loucos de Guido e Carlo Dolci, os tipos bíblicos vigorosos de Rubens, recordo a tela de Velasquez e a tábua de Grão Vasco na Sé de Viseu, e não distingo Cristo! Leio os versos e os salmos, ouço os trenos e as lendas; divago com Strauss, o crítico, e com Renan, o historiador, choro com Meyerbeer, corro a Palestina, subo ao infinito com Gomes Lial, e não encontro Cristo! E todavia êle vive, eterno, ingénuo, lírico e humano. Existe! Vi-o esta manhã na boquita rósea daquela criança de cabelos dourados que, ainda no leito, ao erguer-se, uniu as mãositas miniaturais e balbuciou para os céus: «Padre Nosso que estais no céu, santificado seja o vosso nome...».

*

Na sala de pilares dourados com seus frisos ingénuos de bucólicos pintores, chão persa discreto como a memória perdida dos fabri-

cantes dos Beauvais, que caem das paredes, religiosamente; nesta sala que reflecte no aço dos cristais as correrias infinitamente reproduzidas das Dianas, apenas o relójio belga, metido no bronze pesado e inexpressivo que vem de Luís XIV, parece ter uma alma e pulsar ainda. O resto, silêncio. E neste silêncio as ideas, os pensamentos, as concepções mecânicas do cérebro saem gradualmente pulsadas, como o tic-tac soturno do relójio. Ondas suaves da imaginação que corressem sôbre um campo de ondulações simétricas, assim o pensamento, neste confôrto monótono, acompanhando a vida nervosa dos minutos e dos segundos... Tic-tac... E o pensamento também: tic-tac. A idea espiritual vestiu-se de simetria, como os sons abstractos. Trabalha, cantando, como as gotas da fonte extenuada no mármore rosado: tic-tac; como o caruncho metódico na madeira velha: rrr-rrr; como o pulsar débil do sangue nas veias incendiadas; como o próprio relójio eterno acompanhando o tempo; como certos corações, a que se encosta o ouvido, e que não dizem mais, mais nada, desiludidos e indiferentes como o relójio: tic-tac...

*

São 11 horas da noite. Poucas estrêlas no céu e uma serenidade inverosímil à roda das cousas. Da varanda vejo a amálgama dos prédios que enfrentam a minha casa. Escuridão escorrendo pelas fachadas como luar, com pontos luminosos, incendiados em cada janela. E cada janela corresponde a um lar, e em cada lar há a sua tragédia, o seu mistério, a sua paixão. Cada clarão que sobressai das trevas corresponde a um conflito de almas. Vai a noite avançando e, aos poucos, vão-se apagando as enquadradas manchas de luz amarela. Já há menos ; já restam poucas. Entrou a madrugada e tudo se afundou na mesma obscuridade, embrulhada no silêncio álgido das horas. Vão pelo céu as últimas estrêlas tremeluzindo, e nuvens que se adivinham correm da cidade para alêm. Fixo melhor a vista : tudo apagado na casaria fronteira, tudo na paz, tudo no sono. E, todavia, eu sinto que nesta tranqüilidade, nesta treva espiritual, nesta calma, os misté-

rios continuam, e continuam as tragédias, as paixões, as dores, espraiando-se em insónias que amanhã ninguêm adivinhará, e em sonhos maus que se esfarraparão, sem um remédio, na manhã clara que lá vem...

ELA, A MULHER

Só há uma. Uma única. Encontrá-la é perdê-la sempre.

«Esquece-te de mim», pediu ela, há um ano, quando na sua cabeleira negra e revôlta deixei a minha última carícia. «Pois que hei-de eu fazer se não isso. . .». E esqueci-a. O pensamento habituado a ela, asa que cortava a todas as horas o ar macio da minha herdade, o meu pensamento recolheu à resignação, conformado, quási feliz. Todas as noites, desde a sua partida, no minuto da meditação que é o vício dos espíritos ansiosos, eu verificava que durante o dia não pensara nela. De manhã constatava que não sonhara com ela. Decididamente, eu cumpria. Há doze meses que, dia a dia, faço o meu balanço: fiel, fidelíssimo sempre ao pedido, áquele seu pedido ingénuo a que eu me subordinei, a sua figura de todo desapareceu do meu cérebro submisso, da minha vontade dominadora. Ah! O esquecimento! Com que facilidade deixei de me lembrar como ela falava, como ria, como intrigava; e perdi a música da sua voz, a perfeição da sua

bôca, a subtileza da sua inteligência... Aquela maneira de dizer que sim! E a de dizer que não! Faz um ano. Que o céu me conserve sempre a minha memória cerrada à sua memória e o meu pensamento fiel ao seu último pedido...

*

Conservo, religiosamente, entre flores douradas de talha, que fazem moldura delicada no seu carácter antigo de oratório, um retrato, esmaltado sôbre marfim, de certa dáma que devia ter vivido há muito ano. Respeito aquele rosto Pompadour, suavemente macerado, duma graça ingénua que nenhum Boucher encontraria; tenho-lhe veneração, que me veio já de pessoa de cuja mão amiga recebi a antiqüíssima pintura miniatural. Quem é? Quem foi? Não sei. Olho às vezes fixamente o pequenino rosto, que me fita por sua vez no seu discreto sorriso misterioso, e não obtenho mais do que isto: «uma mulher, que passou...». Na resumida vida subjectiva, feita de espiritualismo recolhido e

que decorre à margem das excitações do nosso tempo, qual de nós não tem uma medalha e uma tinta virginal de rosto onde descanse, como uma criança ou como um velho, os olhos pervertidos da intranqüilidade? E são estas pequeninas cousas, teimando a viver além da vida, que nos compensam daquelas outras que ainda vivem, e já morreram...

*

Não eram livres nem um nem outro. Quando se encontraram na plena vida ansiada dos infinitos, afinada a sensibilidade e o ouvido à música sensualíssima dos meios-dias criadores, estavam novos e presos. Perceberam que as suas almas, românticamente como nas novelas, se tinham fundido no mesmo querer. Batiam iguais os corações, e os olhos moços cruzavam a mesma irradiação luminosa dos cristais virgens. Muito presos da prisão da vida, deram à bôca apenas o encargo de murmurar preces e de tecer resignados madrigais inocentes. Foi assim aos 30 anos, que é a idade dos encou-

tros, e continuou assim até o alto da montanha. Quando, na hora do pôr do sol, puderam, emfim, abrir os braços, já na descida da ladeira, ficava para trás o céu, vinham baixando as nuvens, e as neves dos invernos marcavam-lhe as passadas incertas, saüdosas doutros tempos. O coração pulsava fraco, e o olhar já não atingia a orla dourada dos cabeços. Seus lábios, gelados os beijos e os mistérios da continuação, podiam apenas balbuciar, na resignação muito calma dos seus destinos condenados: «Louvado seja Nosso Senhor!».

*

Estou a vê-lo, o moço bom e lial, a repetir-me, a persistir, a repisar no dia do casamento dela, a sua Ela, com outro que logrou o noivado: — «Não casa; não, não casa! Deixa dizê-lo, deixa que os papéis digam. Não casa! Podem ambos ajoelhar-se aos pés dum altar, cobrir-se de incensos e de rosas, ouvirem a palavra religiosa e cumprirem o preceito da lei civil. Mas ao cabo de tudo, digo-to eu, não casam! Ela, aquela minha,

a única minha, a sòzinha para mim, não casou, não pode casar. Só casam as almas, percebes? Os corpos ajustam-se, mas as almas ficam alheias. Não, não, não, meu rapaz! Deixa ir o cortejo e cair o véu branco e as pétalas perfumadas. A outra parte dela tenho-a eu. Ela não tem nada para lhe dar senão a carne, essa miséria; a beleza, essa futilidade». E desatou a chorar, êle, o orgulhoso apaixonado de todas as harmonias. A sua alma enorme vi-a eu, ali naquele momento, amarfanhada e reles como um farrapo. Entretanto, na matriz, tangiam os sinos, e pela terra inteira iam os cânticos gloriosos do noivado...

*

Veio de fora esta mentira. A mulher, instrumento de posse, à vez! A mulher tornada cousa! Pobre dela, por êsse mundo, a mulher. Ora a atiram os homens às estrêlas, ora a levam os homens às valetas. Pobre dela, essa criação linda, que primeiro é amor, e depois é amor, e, por último, é ainda amor. Amor sempre, no beijo para o noivo, para

o marido, para o filho, continuação das existências, multiplicação da vida, prolongamento de todos os beijos. Objecto do culto íntimo, inconfesso, dos homens que guardam consigo qualquer cousa de santos; objecto de aviltamento daqueles que a tomam por frutos de morder e depois de pisar, eu a venero em todas as formas, ainda aquelas que eu não pude palpar, como um cego que não atinou com o caminho. Diante dela, quer seja a flor de lis preciosa que anda aí salpicada de poeira das ruas, quer seja a figurinha que eu tenho recolhida, e todos temos, no baldaquino da nossa alma, eu me ajoelho, eu peço perdão.

Confessava-me uma vez um velho, sábio e prudente como Epicuro, e que foi no seu tempo um leão de elegância no Chiado e no Passeio Público, que, sempre que vê um chapéu côr de rosa passar por êle, volta instintiva, saùdosamente a sua cabeça branca. Hábito feliz. Na verdura da sua vida passou uma mulher que usou um chapéu côr de

rosa, um lindo chapéu, do estilo da época, alto de copa, flores, fita larga acompanhando o rosto, chapéu ideal, reminiscência de Musette e de Mimi Pinson. Dura há meio século aquela sedução. O bom velho de 1870! Mas quem há na vida que não tenha o seu chapéu côr de rosa? Qual de vós não teve um chapéu de mulher e, sob êle, uma cabeça que foi a mais bela da terra, um rosto que foi o mais lindo que Deus criou, uns olhos que foram os mais ingratos que vossos olhos viram? O bom velho... E para quantos homens, mesmo nesta vida de côres sombrias, não é êsse chapéu a única cousa côr de rosa que ficou da juventude?

*

O *atelier* é discreto e branco de gessos, de mármores talhados, de virgindades helénicas. Vem dum vitral uma luz coada de sol, e do jardim entra a porta um aroma sensual de baunilha. Sôbre móveis dispersos, miniaturas de ébano e madrepérola falam da mulher antiga, dos Césares e do pecado. Estilos truncados do Império e da Renascença,

exotismos florentinos, arcas de coiro lavradas de heráldica, bustos e Tanagras inspirados, pinturas, gamas de todos os ouros, horizontes esfumados e rostos académicos com dedicatórias. Barro húmido, fumo de cigarros e vozes de trinta anos. Amor e glória. E o artista vai mostrando a sua obra, quási concluída. Uma virgem surpreendida, nua e casta : o seu sonho. O outro ouve-o, comovido, enlouquecido do poder majestoso do escultor : «É linda, essa mulher!» E, presos ambos da formidável influência do mármore scintilante e animado, ficam silenciosos diante do bloco, uma lágrima nos olhos. «É belo. Corpo imaginado de perfeição suma! Tens uma glória». Quando ia para sair, e só então, o intruso deu por um vulto, todo envolto numa capa de veludo negro e que parecia esperar. «É o modêlo» elucidou o escultor. Cumprimento leve e o artista voltou ao trabalho. «Vamos lá», disse para a divina carne. E ela, no orgulho resignado dos desprezos, ela, a beleza, a lindeza, a perfeição, a generosidade, a virgindade, deixou cair o manto de veludo que a cobria e repetiu, nua, perfeita, humilhada, os olhos vincados no barro de que é feita toda a vida : «Vamos lá...».

.. e presos ambos da formidável influência do mármore... (p. 24)

Desenho de Martinho da Fonseca

Metade da vida dum homem, o homem a passa na preocupação constante da mulher. Ela é o objectivo, o ideal, a obcecação, a fé, a suprema raiva. Por ela sofre e combate, e age, e é mau, e é bom, e é terrível, e se torna a criatura mais branda desta vida, e sendo homem deixa de ser homem, perde a humanidade e se converte numa cousa. Somados os anos, e os meses, e os dias do homem, êles são, mais do que metade, da mulher. A mulher, supremo culto, quer revista a forma duma religião onde as virgens se adoram, ou dum paganismo onde as virgens se poluem. Sempre a mulher! Mas ela — ai dos espíritos materialistas! pobres dêles — só vale e perdura na existência do homem pelo aquecimento espiritual que transmite. Que seria dêles, os materialistas, se a mulher não fôsse mais que objecto momentâneo duma posse! Que seria dêles! Viveriam a vida efémera das sensações e a sua existência queimar-se-ia, como a mortalha de papel, no segundo voraz da chama do fósforo.

*

Sentados um defronte do outro, ela muito mais corajosa do que êle, fazia a defesa do seu amor, na eloqüência descuidosa dos que querem muito. Pois podia lá ser um pecado amarem-se? Podia lá haver crime onde havia a fatalidade? Cobarde diante da vida, mudo, grave numa decisão dolorosa que bailava dentro da sua consciência, êle fitava-a, indeciso ainda, flexível, farrapo. E como não tivesse mais que dizer, foi-lhe ela falando de tudo o que é nada e censurou-o mesmo por lhe ter escrito na véspera a tinta vermelha. É que essa côr significa desprêzo, afastamento. «Se um dia te quisesses despedir de mim — fez ela rindo nos seus dentes perolados e infantis — se um dia...». Riu mais, quási dolorosamente. «Já sei — concluíu êle.— *Tout rouge!...*». Abriram um céu de azul no sombrio prenúncio das resignações. Beijou-lhe a face. Saíu. Na manhã do outro dia, quando Dickens ia na segunda página, a criada entrou. Acabava de chegar um grande ramo de cravos, com um cartão. Alvoroçou-se numa

felicidade, bateu palmas. Mas logo num pressentimento, que a fez vergar toda, como haste humilde batida por uma desgraça: «E a côr, a côr dos cravos, dize...». — «Ah! são lindos, minha senhora! Vermelhos!...».

*

As *Virgini delle Rocces*, que eu releio sempre num fervor, dão-nos os três tipos ideais da mulher, como ela é e como deve ser, mesmo quando não quere ser: a mulher humilde, a mulher sacrifício, a mulher multiplicação. Nas três virgens de D'Annunzio está a concretização do destino do ser feminino sôbre a terra. Não lhe cabe outro. Amar, subdividir-se. A mulher que o sabe ser consubstancia-se, como um espírito, nos três tipos do ramo Montage, das rochas de Rebursa. O seu destino é êsse, e todos os desvios filosóficos, todas as correntes da liberdade da mulher, as doutrinas do coração e as doutrinas da razão, todas elas vão dar ao mesmo repouso quieto, ladeado de amendoeiras, que é a casa de Antonello. A obra do

estilo, feita sinfonia, do criador da *Figlia di Jónio* é a vida de cada uma das mulheres do tempo velho, do nosso tempo e do tempo que há-de vir : escravizar-se, na ilusão do seu domínio, humilhar-se na razão do seu despotismo ; ser mãe a dentro de todo o poder da sua virgindade. E nem o dogma da Conceição, na sua negação metafísica, é outra cousa mais do que a explicação verosímil do destino da mulher sôbre esta Nazaré legendária que é a terra inteira...

*

Morreu para mim há muito o divino Chopin... — A primeira vez que a encontrei fiquei perplexo. Excedia a sua figura a perfeição ideal dos sonhadores. Assombrou-me até a fascinação a graça rara do seu tipo frágil, dulcíssimo. A sua fala tinha ritmo ; a sua maneira de nos compreender tinha carícia. Era uma criaturinha de 17 anos, toda melancolia, duma inteligência soberana, sentindo o mal que fazia aos que viviam da sua beleza e sofrendo por isso. Romântica.

Um dia pedi-lhe que tocasse. A saleta era morna, dum azul triste, cheia de *bibelots* miniaturais, de retratos de família; fazia calor e no ar havia o perfume burguês, honesto, que vem da sêda velha dos almofadões. Nos seus dedos ágeis um *Nocturno* de Chopin deslisava em ritmos novos, em misteriosas sonâncias. Embebedei-me naquela harmonia, naquela música de céu, naquela religiosidade; perdi a noção da vida e encontrei-me, de súbito, um sedento de amor, lágrimas nos olhos, alma prostrada... Ora, anos depois, fui numa saùdade, ouvir um músico famoso cuja Arte levantou Lisboa. Que frieza! Que mentira! A Arte única era ela, a beleza ela, Chopin tinha sido ela. Logo a seguir, casou... — Morreu para mim há muito o divino Chopin...

*

Daquela mulher que se lhe foi, numa desilusão, a quando os trinta anos sadios e confiados, restava-lhe um lenço perfumado, dum perfume suave, perfume dela, perfume da vida dela, perfume saùdade dela, e que êle

todas as noites, ao recolher da sua vida ingrata das pontes e dos traçados — êle, o rígido engenheiro — aspirava, como se êle a tivesse. Ora, correram anos, e o perfume, como cousa humana, foi enfraquecendo, foi-se evolando, foi subindo à noite misteriosa do nunca mais. E, um dia, êle encontrou o lenço sem perfume, e assim encontrou-se êle sem nada dela. E então, aquele homem que até ali nunca tinha chorado, começou a dar ao lenço uma aplicação que o lenço nunca tivera : limpar as lágrimas.

*

No dia dos seus anos, infalívelmente, êle mandava-lhe um ramo de flores. Como os anos são no meado do inverno, as flores eram sempre camélias e violetas. Habituara-se àquela graça, e, entre tantas de que a rodeavam, o ramo era tudo. De resto, durante o ano via-o raras vezes, a êle, o discreto presenteador ; e era então um cumprimento delicado, frio como a própria delicadeza, a que ela correspondia com um sorriso, o mais inex-

pressivo possível. Ora um dia pediram-na em casamento. Hesitou. Mas o ramo das camélias era tam pouco! Madrigal dum só dia, misterioso e indeciso madrigal! E aceitou. Ontem, 16 de Janeiro, foi o seu primeiro aniversário depois de noiva prometida. Logo de manhã, flores, lindas flores, acompanhando um estôjo pequenino de sêda branca. Oh! era gentil o seu noivo... E esperou, mas esperou o dia inteiro. Só à tarde, morta a esperança com o último adeus do sol, ela, noiva feliz, pôde verificar que entre tanta flor lhe faltou pela primeira vez o ramo do seu noivado...

*

Encontrei-a ontem. Ia linda; mal a vi, que andam sempre os passeios a abarrotar de gente que não tem outro encargo senão o de nos tolher o passo e restringir a vista. Mas ia linda, a mulher bonita. Cada cidade tem apenas uma, sem nome, sem título, sem morada, sem amante, sem passado, sem história. Cada homem por sua vez — é quási absurdo! — tem a sua; todavia a cidade,

que é o mundo, tem uma apenas. A minha encontrei-a ontem. O quê? admira-se o leitor que eu com os meus cinqùenta anos e a minha calvície tenha também a mulher bonita? Se todos nós a temos se a conservarmos, a mesma, desde a mocidade ao átrio da velhice! Se ela, a mulher bonita que a gente tem, é a única que a gente nunca tem!

*

Quando entrei para dar-lhe o meu parabêm e o último beijo nos seus cabelos pretos, agora que ela ia casar, e já me sonhava extasiado no mundo côr de rosa dos preparativos e dos sobressaltos, encontrei a casa entristecida e ela amarfanhada como um farrapo humano. Preguntei. Nada; ninguêm sabia nada. As criadas, parvas pelos corredores, faziam a nota lúgubre do quadro. Tive coragem. Eu, que era todo da sua alma, levei-a para o canto mais discreto do seu quarto cheio de luar e insisti. Chorou. Tirou do seio um papel que fôra carta, e deu-mo a ler: «...parto. Não resisto a ver-te casar. Parto!

A loucura ameaça-me e quero viver. Tenho direito a viver. Parto. Esquece-me. Teu noivo é um coração. Conta-lhe tudo. Êle perdoar-me há. A ti, anjo, não tem que perdoar. Adeus!...». Desabou sôbre mim um céu. Ela escondeu o seu remorso no meu peito e continuou a soluçar. Hora trágica da minha alma. Pois havia um outro? Além do noivo, e de mim que era o seu eleito, havia um terceiro? Ela, tam branca, ela a única sôbre a terra? Era possível? E, perdido, alheio à sua dor, rasguei o papel, sem uma explicação. Saí louco, sem um beijo. Não resisti, eu não podia resistir. Mas — ah! — outro mais sublime se me avantajou. Acabo de ler: «Com um tiro na cabeça, no seu escritório da rua do Ouro, pôs termo à vida o jovem advogado...». O noivo!

*

Quando a conheci trazia ela um grande ramo de violetas sôbre o peito, num vestido negro, onde o roxo macerado ia bem, num discreto relêvo de humildade. Violetas feli-

zes, que uma visão coloca neste momento diante de meus olhos, no trono do seu corpo esbelto, sobranceiro, harmonioso. Sucede mesmo agora, neste fim de ano húmido, quando as violetas principiam a despontar, nas várzeas e à beira dos lagos, vê-la a ela por toda a parte. As florinhas lembram-ma; e a saùdade que eu trago em mim desde então, não sei ainda hoje se é dela, da sua altivez, do seu desdêm, se é das violetas, da sua côr macerada, da sua humilíssima vida de cousa minúscula. Não sei. Só sei que durante todo o ano de rosas, e gerânios, e jasmins, e cravos, e lilás, e tanta flor principesca, eu passo o tempo a desejar o inverno, os frios e as folhinhas ingénuas e débeis das violetas, aquelas violetas que ela trazia no dia em que a conheci, num grande ramo, sôbre o peito, num vestido de veludo negro onde o roxo macerado ia bem, num discreto relêvo de humildade...

AR LIVRE

Nada dá tanto a impressão de Liberdade, da

liberdade a meus olhos mais serena que o sereno clarão da madrugada.

do que o Ar Livre, amor de vida à sôlta, asa de inspiração à sôlta, pensamento à sôlta. Toda a paisagem tem uma face que Deus lhe dá e onde reside a Beleza. Essa Beleza, como toda a beleza do universo, seria impossível sem a liberdade, que anima a visão das cousas. — Chuva miúdinha que cai, e frutifica, sol que veste as cruzes dos adros, calor que aquece as casas dos pobres — Ar Livre — consubstanciação de todo o querer do homem.

Levantou-se agora a manhã. Os longes vestem-se de alva, e a vila, deitada aos pés da serra como um cachorro fiel, é toda branquinha como um lençol de linho batido, ou como a parede da igreja. Pela encosta vai-se o dia estendendo, como manto de luar que a noite tecesse e tivesse de ficar para tomar côr. Vêm da terra vaporizações selvagens, que se misturam à beira dos casais com o aroma dos fenos e travo agreste dos matos secos. Olhos em redor, léguas virgens de lôbo, com verdes de horta, côr rosa de pomares, cinza viva de pinheirais ; agora que sobe o sol e a quietude entra dentro das almas, é tudo branco. Vejo passar a moleira enfarinhada que leva pela mão a sua cachopinha de olhos tímidos, cabelo branco do pó do trigo. Os seus bons dias têm a claridade auroral das madrugadas inocentes. Diz-me a pequenita adeus de longe, e não será, senhor Deus, mais clara do que a sua mão a toalha do al-

tar, as roupas de linho dos baptizos, a espuma do Ceira no açude de baixo. Calou-se o ventinho. Os insectos pousaram agora todos para fazer maior o silêncio. Lavam-se as almas na espiritualização desta hora menina de branco...

*

É a hora violeta. As sombras descem. Perderam-se no cansaço do dia as linhas orgulhosas dos arbustos. Vestem-se de lilás os horizontes, e a vila, que fôra claridade, cobre-se duma tinta diáfana que escorre por toda a banda como chuva de violetas. Que profunda a pacificação dulcíssima desta hora! Sofre à roda a natureza calada, e as macerações dos vegetais e do solo, na imensidade das charnecas, na infinidade do céu, que se encurva sôbre as distâncias como um docel, transpiram a resignação perfeita das cousas. Entre duas encostas, uma vestida de urze humilde e outra coroada de pâmpanos a pedir vindimas, espreita para mim o cemitério, num quadrozinho duma tristeza suavíssima, que se desfaz em tons violáceos, a cobrir as

lousas dos fortes trabalhadores dos lugares. O chão, o céu, as casas, as almas, nesta suavidade religiosa, têm sono. Não tardam aí os ralos, e quanto mais as sombras se abaixam, mais a face desta hora dolorida se deixa pintar de violeta, que ameaça adormecer de todo na noite, a adivinhar-se. E repousam já da luta, neste momento irmão da morte, as vibrações estésicas dos líricos...

*

É um dêstes momentos calmos, infinitamente calmos, em que não há nada à roda, nem fumo, nem vaporização, nem asa, e tudo se afaz a uma humildade nativa, como um segrêdo por devassar. É extenso o campo, como um problema. Há árvores vestidas de outono, terra húmida, o primeiro alvor da manhã, e não há nada. É humilíssima a existência. Ouço a voz resignada das cousas pequeníssimas, e, aos poucos, meus ouvidos abrem-se às objectivações que dão de si, às circunstâncias ténues que se levantam, como a neblina assente nos casais se levanta

para o sol. Passa agora uma mendiga que tiritou de noite, sob um telheiro; corta o ar a nódoa dum insecto; arrasta-se no tronco uma larva esverdeada; uma pequenita vai ali, mal vestida e feliz, a rever-se na fascinação da luz. O orvalho da noite escoa-se no beijo do dia; as ervinhas erguem-se do lamaçal; a própria terra, depois de sorvida a chuva, cheira bem. Humildade santíssima. À beira do lago sorriem para mim as violetas que nasceram esta noite...

*

Sintra queima. A frescura de Sintra é uma mentira. Sintra entontece, embriaga; tudo nela perturba: o calor, a extensão panorâmica, os perfumes selvagens, a tinta aristocrática das vivendas, os crepes transparentes da China. Sintra, assim como um morango que passa a vida rasteira a sonhar com a taça dourada do champagne *frappé*, adora a humidade e a neblina santíssima das madrugadas. A esta hora, meio-dia, Sintra é uma terra de namorados. Só êles não têm medo, só êles

não sentem. Ainda há pouco, quando eu descia do castelo, me quedei de longe a ver, sem ser visto, um idílio vergiliano, discreto. Debruçada dum muro, como uma rosa de toucar, a menina recebia a despedida do noivo, que, debaixo, lhe beijava a mão com tamanha sêde, a de lábios cremados sorvendo a pedra do gêlo. Durou meia hora a despedida e o contacto sôfrego. Agora êle vai lá baixo acenando, e a menina fica. E vejo-a recolher, atravessando uma álea de glicínias, tonta, tonta como uma borboleta, incerta no passo, embriagada, sufocada, o que não pode deixar de ser do calor, da visão das rosas, do aroma dos lilases.

*

Debruça-se a romanzeira dum pomar paradisíaco, sôbre um muro de líquenes, para a estrada sombria que sobe. Como crianças ansiosas de tagarelar, que vêm à esplanada dizer adeus a quem passa, as romãs fazem-me adeus. O que elas sabem! A história de tudo à roda: as vaidades dos laranjais, os amores infelizes de certo casal de rouxinóis que fez

ninho numa sebe que muito bem se vê dali, o idílio rasteiro das sardoniscas, todo o dia a namorar ao sol, e até as intrigas nocturnas das estrêlas, nestas noites claras em que os ralos sucumbem perante a felicidade dominadora das cousas luarizadas. O que as romãs sabem! E o seu espírito de sacrifício, e a sua poesia, e a sua alminha enorme de noviças, desta religião pagânica e sadia, que tem no outono a sua páscoa florida. «Se amanhã nos encontrar no seu prato, a nós, aos nossos bagos sangùíneos como rubis, entre cristais de açúcar, a prata das colheres e o ouro do vinho velho, fale, diga-nos adeus...». As romãs! Sigo estrada fora, e fico a vê-las nos troncos, ao sol, a estalar de maduras, a dizerem adeus e a rirem de longe, nos seus dentes côr de rosa, que se desprendem como certos beijos húmidos...

*

Meio-dia pelo sol. Os montados distraem para a terra inteira o cheiro acre das giestas, e os campos cortados, abertos, revoltos, são torrões incandescentes, que o calor levanta

em fumos. Cai do céu uma poeira de ouro que envolve tudo, as hortas, as cabanas, as distâncias, e sufoca qual um inferno de riquezas. Como se tivesse passado uma geada que queimasse, aos olhos dos homens todas as cousas se vestem ilusóriamente de amarelo torrado, em gamas inverosímeis, que nenhum pintor adivinhou. Os longes têm a côr fulva das areias. Tudo no horizonte é praia onde não passa Oceano nem nódoa de sargaço levanta a idea imensa do Mar. Areias, praia, tudo vestido de ouro chamejante do meio-dia criador. Nas arribanas e nos cortelhos o gado olha docemente o infinito, suas línguas de fora, na ânsia inexprimível das sêdes. Pelo caminho, côr de greda, em sua égua nédia vejo passar, chapeirrão largo, a face queimada de cigano, um homem que não me dá as boas tardes. — «É o maior cá dos arredores. Podre de rico, não abençoa ninguêm!». Fico a vê-lo. Zumbem-me os insectos aos ouvidos, escorre-me pela face o suor dos forçados da ceifa. Nos campos levantam-se medas de palha, que estoira ao sol, e espraiam-se eiras de milhos, maçarocas de ontem, tudo fulvo a arder, como inspirações insofridas. Nos vales, à torreira, homens amanham, como

condenados, a terra ingrata. Pobres dos pobres! êles são a única nota humana, agora, nesta hora martirizante de ouro...

*

A serra é adusta, escaldante, imprevista. Tem horizontes e traz a sêde. Ao cabo de três horas de caminhada, cansados os pés, esfalfadas as energias da contemplação, morta a pupila na embriaguez da distância — como se todos houvéssemos voado — apetece descer à tranqüilidade terna das cabanas. Como aquele que, tendo um amor, dêle se afastasse numa digressão sem pecado, e nesta se cobrisse de saüdades como os doentes pelos dias de sol, assim nós queremos de novo voltar à ternura. A tranqüilidade não está na solidão; está no aconchêgo do espírito, na paz das cousas que não perturbam. E eis-nos de volta. Sobe-nos uma onda de doçura; invade-nos o maior prazer que as almas podem desejar. A aldeia, agora a vila... Eis a igrejinha branca, antigo convento, com seu santo exterior, num baldaquino tôsco, sem idade.

... Eis a igreja [illegible] amigo convento... (p. [illegible])

Desenho de Alberto de Sousa.

A tôrre de Cristo, e o seu galo, e a sua cruz, e o seu ventozinho. A velha árvore sombria dá-nos as boas vindas, e torna-se ao amor como se se tornasse à vida. Igreja branca! Nós nunca soubemos rezar; repara, repara... E de volta, estamos todos de joelhos...

*

Asfixia-se. Os homens e as cousas não têm uma voutade; perderam a fôrça e a beleza. É que o calor prostitui. As formas enérgicas, valentes, estéticas dos objectos nascidos para estarem a direito, desfazem-se em cobardias. Morrem os cravos de ontem, os lilás em cachos de dois dias. Não há água que sacie as raízes e as bôcas. Nem misericórdia de ar! Escaldam as pedras, deita fumo a terra ceifada, vê-se o calor subir pelas paredes. Anda a sêde nos animais, nas árvores, nas almas; arfam os bois, pendem os salgueiros, caem tontos os pássaros novos, e as raparigas sucumbem como a um namôro. Ah! Mas alfim uma fonte, e agora uma árvore frondosa. Recolhe-se a gente a esta protecção

como a uma amizade fresca, e deixa-se estender pela sombra. Há uma aragem. Atira-se a alma para longe, fecha-se os olhos e vê-se, vê-se então muito bem, os cães correrem danados à margem das herdades, os condenados arménios sorverem de joelhos, à vista dos beduínos, os regatos húmidos, e as virgens ansiadas e trémulas da calma dessedentarem-se de amor na ilusão pagânica das fontes...

Estou aqui há duas horas neste jardim misterioso, cheio de silêncio e de passado, êste jardim cuja era não conheço, mas que deve ter séculos, que tudo por aqui segreda cortesia, ensina amor, aconselha meditação, cousas estas de há muito longe. Choupos velhos, sonolentos, dormem embalados por uma aragem inverosímil no espelho dos lagos, que são cortados por pontes pelas quais não se pode passar de braço dado e donde se avistam pomares em flor, courelas de terras trigas e, muito lá, lombeiras cinzentas cultivadas de cardos e de alcachofras humildes

de S. João. Sôbre o muro dos lagos, à roda, vasos de carrancas ostentam rosas bravas côr de sangue vivo; nos plintos, cabeças gregas de olhos apagados sôbre troncos hercúleos vestidos de líquenes fiéis fazem guarda, e pelas paredes exteriores azulejos de azul virgem contam histórias de caça e aventuras. Deixo-me ficar a ouvir as rãs e a voz do passado, e, entretanto as sombras vão caindo sôbre buxos, águas, choupos, pomares, azulejos; caindo como a cortina do Tempo caíu sôbre o espírito duma época que nem o sol, que há-de voltar amanhã, é capaz já de renovar.

*

Passo por um caminho muito branco da província, em abraço a uma horta fresca de latadas e meloeiros, com talhões de verdes esmaltados de todos os tons, e paro-me na esquina, onde um muro faz volta e há, numa parede levantada, um nicho de santo, onde o santo já não está. E ali calma a natureza, nostálgica de distância a paisagem extensa, que avisto em queimadas de abençoada cinza.

Calada a vida à roda. E olho o nicho, vestido de azulejos ingénuos, que foram apedrejados. A lâmpada daquele santo, a que as almas purificadas de há meio século rezavam alminhas, é hoje apagada como o espírito religioso dos que passam. A parede, mesmo, tem vestígios do ataque à pedra, hoje uma, amanhã outra, lentamente eficaz como a doutrina dos livros. E olho, e fico-me a olhar, e vejo ainda. Paira no ar qualquer cousa de saùdade, pelo santo, pela fé, pelo azeite da lâmpada. Esta mesmo, sem vidros, sem torcida, só no esqueleto carcomido, pendente, como um lampeão de azinhaga, ainda balouça ao vento que pede a sua bênção. Cai a noite. Fica longe o nicho apagado e parece que vejo daqui agora tremeluzir lá, como um amor distante que houve e se recorda de si próprio, a chama pequenina das alminhas!

*

Meio-dia e o céu negro das noites de remorso, que descargas em ziguezagues cortam de calafrios. Chuva em torrentes desdobrando-

-se como rolos pelas encostas de vinha de ouro, pelos barredos revoltos, pelas lombas distantes dum cinzento de dúvida. Nem fumo de lar. E os trovões sucedem-se, ásperos, supersticiosos, vingativos trovões que fazem estremecer tudo, a extremidade do solo, os lôbos nos montados, os suínos magros nos chiqueiros, as velhotas de olhar vago a rezar padre-nossos, o coraçãozito das cachopas e a confiança dos lavradores na recolha triga dêste ano. Agora faz-se um intervalo e abre-se uma clareira de sol. Os cães espreitam à beira dos casais, e pelos córregos vai a água de escantilhão, lavando, lavando tudo. Começa a sair da terra, rica de seiva, bêbeda de felicidade, revigorada de frescas energias, um perfume selvagem, bom, que cobre a terra toda e entra nas choupanas, dentro das casas, nas arcas, nos oratórios. Já as moças na lida cantam amores e as velhotas recomeçam a esticar o linho, fino, de fino, como se fôsse a sua vida que esticassem. A trovoada lá vai; passou. E, entretanto, quanta alma neste mundo onde a trovoada é de longe, de ontem, de agora, e sempre, até que o seu fio se acabe como o da roca da velhinha!

*

Debruçada do muro velho côr de rosa, via-a nascer. Primeiro o botão entre folhitas débeis dum verde húmido, depois as pétalas abrindo em revelações da côr e logo flor feita, sorriso que se desprende, tentação a que ninguêm chegava, sugestão, apontamento para artistas. A vida dessa rosa chá durou sete dias, e certo alguns olhos mais — e quantos olhos entristecidos agora — se habituaram, dentro dessa existência efémera, à sua palidez, à sua nódoa suave, ao seu bom dia, o bom dia resignado dela, a pequenina flor, que toda a noite esteve velando. Na manhã de ontem pareceu-me triste, desconsolada, saùdosa já do sol, da réstea de luar, da chuva que a vestiu, do pobre muro compassivo sôbre o qual se debruçou. Esta madrugada passei, e olhei-a na atracção das cousas muito humildes. Já a não vi!... No chão, a meus pés, as pétalas mortas tinham a côr branca das crianças que morreram aos dois anos, e pelo ar húmido Novembro chorava. Fôlhas de rosa que se estiolou na haste, virgem de

beijos; fôlhas de sêda, levezinhas, onde as levará agora o vento? Vida de sete dias, amor que o não chegou a ser, saùdade infinita de meus olhos, onde? onde?...

*

Dôrme a terra inteira, dorme o homem senhor da terra, mesmo que na pacificação escuríssima da noite a sua alma inquieta seja acordada, que a alma, êsse noctívago, não dorme nunca. Dorme a terra inteira. Um galo canta, ainda a madrugada vem longe. E agora outro lhe responde, e outro segue, e o concêrto maravilhoso prolonga-se minutos, quartos, horas, por toda a extensão fechada das trevas. À cantiga estremecem as cousas, levantam da asa a cabecita os pássaros nos ramos e vergam-se os arbustos. Há um *frisson* pela natureza calada, e as próprias quimeras do sonho têm a interrupção aborrecida de alguêm que bateu à porta. O canto do galo é alto e esplendoroso; ainda não há luz e já êle desafia a luz. Existe nêle qualquer cousa de ideal e de

tribunício. A garganta do Chantecler tem prolongamentos metálicos de som que vestem côres e irradiam alvoradas. O galo canta e a sua pupila fulgurante abrange todas as lendas de nobreza e o império viril, masculino dos amores. Por toda a terra estremecem a música das ideas, a linha plástica das vontades e as inspirações que cimentam todos os orgulhos. À roda — escuro. Estrêlas pálidas pelo céu e os homens de bôrco nos leitos e nos catres. E o galo canta, e a idea vela, e a impressão sobe, e a madrugada vem lá. Descobrem-se já as primeiras tintas do dia... Quantos corações, no seu palácio do sonho, embalados pelo Chantecler, não estão desejando que o galo cante eternamente e que a manhã não chegue nunca mais?...

A noite vai calma e azul, com laivos brancos de luar gelado. Andam já as ruas mortas e advinha-se as gentes entregues às suas tragédias, no delírio quimérico dos sonhos. No palacete da esquina há, porêm, alguêm que

não dorme ; a janela alta tem luz, e um piano vive a alma miraculosa do artista, que uns dedos miniaturais da marquezita arrancam das notas dulcíssimas de Rameau. É lindo! Aumenta a calma e a tranqüilidade. Tudo se queda a ouvir ; a própria claridade escuta, a própria sombra das cousas escuta, as próprias fôlhas das árvores suspendem, escutam. Rameau, suave, sobe em eflúvios pela atmosfera calada, e vai com êle, de braço dado, a pobre marquezita sonolenta, cujos deditos já cansam. Por cima do palacete, ao alto, parou a lua a ouvir, quedaram-se as estrêlas, detêm-se a própria noite. E foi preciso que a marquezita adormecesse sôbre o piano para que Rameau se calasse e pudesse nascer então a madrugada.

*

Estrada fora, calor a abrir e uma fita interminável de quilómetros, não encontro ninguêm. Sucedem-se as paisagens naturais, como se os meus passos, caminhando milhares de léguas, tocassem numa hora todos os

continentes. Cada estado de alma do homem corresponde a um quadro, que se lhe abre diante dos olhos, ou que êle imagina, no seu poder de adivinhar, que é o maior de todos os poderes. Vou passando por todos os sentimentos. E a estrada continua, e aos longes, do lado do sol e do lado da morte, cavalgam fantasias sob o azul das serras, a esmeralda das hortas, o metálico dos pinhais, o cinzento das escarpas, o incerto que se não chega a fixar. Tudo isto é superior ao homem, tudo isto tem pelo homem um desprêzo absoluto, selvagem, olímpico. As cousas frágeis temem-no, as cousas belas odeiam-no. Pelo silêncio entro no absurdo e pregunto há que milhares de anos por aqui não passa vivalma. Uma casa, uma eira, um palheiro! Mas ah! um rancho de franganitos à aproximação dos meus passos foge, no máximo do pavor, pelo buraco do cortelho. E sigo, e segue o homem...

*

O lugar é perdido da cidade. Nem dêle se avistam as tôrres da Sé ou a cúpula da

Basílica; à roda há um mundo infinito de aguarelas ingénuas, de courelas coloridas, de fios de água. O lugar é isolado e tranqùilo e, sobretudo, fresco, duma frescura pagã, anacreôntica, lírica. Tudo respira sadiamente, desde a onda dos trigos lavados à santíssima humildade dos choupos. Corre água pelos regueiros, os tanques trasbordam para as hortas, fontes invisíveis cantam melopeias de amores, e as próprias estátuas, dum branco velho e limpo, são frescas como as ideas dos que se levantam cedo. Ouço uma ode em cada sussurro, adivinho uma sultana em cada lago, pressinto uma bica correndo em cada som monótono perdido. As árvores deitam sombra, as cousas caladas convidam à tranqùilidade, as fôlhas dos arbustos têm um orvalho guardado das madrugadas húmidas. Tudo é imerso num bucolismo vergiliano, e o próprio canto das aves tem ritmos de geórgicas. Êste lugar é só; nunca foi habitado de almas e visto de olhos profanos. Que se o fôsse, que se o tivesse sido, certo os homens, de onde a onde, procurariam nele um repouso, uma purificação de água, uma lavagem lustral para a incendiada febre de ódios e de ambições em que se queimam...

À beira da estrada, em um sítio onde fazia curva e onde havia uma sebe florida, dois petizes, distraídos da aula, analisavam, embrenhados em profundas cogitações filosóficas, o ninho que caíra há pouco numa lufada de ventania indiferente e má. O ninho! Que lindo o ninho! E cada um aventava a sua explicação ingénua e tão sábia, que toda a sabedoria dos livros se envergonharia de si própria e desapareceria das superfícies académicas dos tratados. Ali nasceu a toutinegra, mais daquele lado beijou os pais, foi naquele sítio que bebeu a primeira gota de água que a mãe lhe trouxe da várzea, e naquele canto de penas se enfeitou de plumas, e mais dêsse lado enfrentou o sol e desferiu o canto sublime que encantou a terra e os casais. Que é delas, as toutinegras? Para onde voaram? E voltarão? Não, não voltam! Isso voltam elas! Vai tão lindo o céu, e há tanto grão pelas eiras, e tantas águas pelos ribeiros, e tantas sebes para amar e fazer outros ninhos! E vai daí, como o ninho es-

tava nu, entraram os petizes, agora uma haste, agora uma fôlha, depois um arminho, e com uma risada, um comentário, a esfacelá--lo, a destruí-lo, até que o reduziram a mil dispersas penas que o vento levou para longe. E os petizes seguiram depois, estrada fora, contentes e felizes à busca doutros ninhos... Quantos lares desfeitos por êsse mundo, quantas casas, quantos afectos se esfacelam por esta existência fora, como os ninhos gelados donde fugiram os cânticos e os amores...

O AMOR,

MESTRE DA VIDA

«... *não amaste, dizes. Mentira! Amaste tal. O que não tens é coragem para o confessar*». — (duma carta que o autor possui).

Na laje de madrepérola do tanque sagrado cai, há um mundo de séculos, sem interrupção, um fio de água. Êle canta na mesma voz a mesma melopeia, e a madrepérola mal gastada pelo contacto da água lustral, em cada ciclo fecundante de dias maravilhosos se veste de novas colorações, polidas como as faces virgens. O tanque, na inquieta superfície da água, reflecte o verde dos arbustos em docel, a púrpura das rosas, o azul infinito e calmo, e acusa a aproximação das noites, a tragédia sangùínea dos poentes, e a passagem espavorida das asas. Diz a tradição oral que o tanque vergiliano cura males de amor, e, assim, em todas as manhãs discretas se vêem nele debruçadas as moças dos lugares, ouvindo o cântico da bica, adivinhando os mistérios do silêncio à roda, pedindo inspiração à água mal quieta, correndo, sempre do mesmo coração da montanha para a mesma insaciável luxúria das raízes. Tanque aben-

çoado! Abençoada madrepérola! Divinizada melopeia da água! Todas as moças passaram pelo tanque e nele se inspiraram. Todas. As aldeias crescem, ano a ano, de novas juventudes, os noivados multiplicam-se, os amores rebentam pelos caminhos como rosas bravas. O mal do amor mata-se como uma sêde no beijo fresco da madrepérola... E já ouço as eternas populações sedentas por êsse mundo de Cristo, alucinadas, perdidas na revelação, a preguntarem: Onde é o tanque? Onde está êsse tanque maravilhoso que mata a sêde?

*

Conheceram-se num baile. Só em olhares, entenderam-se. À saída, êle seguiu-a até o palacete onde ela não morava, mas onde passou aquela noite, por eventualidade. No dia seguinte e todos os dias passou êle por defronte daquela casa onde supunha residir a sua paixão. Isto meses, isto anos, sem que aquela mulher lhe aparecesse e sem que a sua esperança cansasse. Por sua vez ela, da sua própria residência, todo o dia namorava

... os amores rebentam pelos caminhos como rosas bravas... (p. 12)

Aguarela de Raul Gumiro

a rua, e noite espreitava as sombras. Isto meses, isto anos, sem que aquele homem passasse e sem que o amor dela desfalecesse. Até que um dia voltaram a encontrar-se num baile, mas — tristes dêles! — mal se conheceram. Estavam velhos. O resto da vida que tiveram, ante a falência daquele ideal sem positivismo, foi só para ensinar aos afilhados que, quando se apaixonassem por uma mulher, vissem bem logo de comêço onde é que ela morava...

*

Não é mestre no jôgo do amor, mas joga. Faz dêsse jôgo uma arte, e, como todos os artistas de condição, não vive dela. Ágil de espírito e descuidoso, joga mais pela emoção do que pelo efeito, e é assim um adversário fácil, lial, expondo-se muito, como no florete, pelas excessivas distracções. Nunca se sabe, olhando-o indiferente, quando ganha, quando perde. Há dias soube eu que êste rapaz banalíssimo e estóico tinha perdido certa partida perigosa. Vi-o sorridente. «É que — explicou — é que nós, quando perdemos, per-

demos muito pela generosidade, e quanto aos vencedores, que são estes adversários embonecados, estas fúteis mulherzinhas de braços débeis que derrotam lutadores, em regra, essas ficam sempre com pena de ter vencido. Percebes? Se ganhamos alguma vez no jôgo do amor, o que tiramos da vitória é uma desilusão infinita e um grande arrependimento por ter terçado as armas». E como eu admirasse a expressão enorme da sua despreocupação, êle concretizou: «Deixa, deixa lá! Perder, neste jôgo elegante do amor, é a única sabedoria que êsse jôgo contêm...».

*

Entro em bicos de pés, para não acordar nada do que dorme, nem levantar cousa alguma que repousa: as orações e a poeira. É tam ingénuazinha a igreja! Tudo tam simples! E avanço por ela até a nave em cruz, voltando-me então para uma capela lateral, duma riqueza modesta, talha de ouro, muita flor, sua alâmpada mortiça, e uma mulher ajoelhada aos pés do altar, na atitude imóvel

e bíblica de quem está fora da vida. Espero; ela não reza, ora. Orar é não dar aos lábios o trabalho de seguir a alma. A alma tem expressões mudas. Que fervor, santo Deus, que piedade! Aproximo-me mais. O crucifixo ingénuo, de reflexos dourados, que certo vitral oculto veste duma côr efémera da tarde, o crucifixo no meio do altarzinho, onde a cera morta faz um cortejo hirto de dedicações, é a única testemunha atenciosa daquele amor, daquela prece. Cristo misericordioso e lívido de martírios, Cristo amantíssimo! Entenderás tu a oração íntima daquela mulher, que as inspirações vestiram de côr violeta? Saberás tu o que ela reza? Maria Madalena ter-te hia falado alguma vez, ó doce Nazareno da Judeia, de certo amor que anda dentro das almas e se volta para Deus, por não ter mais parte alguma para onde se voltar?

*

O divórcio é carta de redenção da mulher; sucede, pelo menos, isto muitas vezes. Acontece, porém, que o divórcio é, às vezes, uma

maneira de amar românticamente como outra qualquer e até... Mas podemos contar. Em solteiros, êle e ela já tinham feito um namôro tam pouco dè virtudes e tam propositadamente arrelia das santas tias religiosas, que toda a gente entendeu melhor levá-los à igreja o mais depressa possível. Para tanta devoção a consciência os não compelia, diga-se em abono dos noivos, mas a sociedade, mesmo no íntimo das famílias, obriga a umas resoluções tam precipitadas, que, raras vezes, delas se sai côr de rosa. Pois casaram, e em liberdade andou o seu amor até onde chega a ternura das almas, a voz dos instintos, o canto eterno da multiplicação. Creio que se amaram até o infinito. Mas não chegava! Tanta liberdade era o terror. Faltava-lhes um encanto, uma graça, uma inconcebível partícula da felicidade: o pecado. Sentiam saùdades dos pecadilhos de namorados. O sabor malicioso de certos pormenores, recordados com lágrimas! Tam bom o não ter licença para se beijarem! E beijarem-se da mesma maneira! Caíu sôbre êles a noite da virtude, afinal. E foi daí que se lembraram do divórcio. Inventaram mútuos crimes, todas as probabilidades do Código, o mais que podia

ser. Divorciaram-se. Agora amam-se deliciosamente nas asas do pecado, com a felicidade inteira, e às escondidas.

*

Contam-me uma história. Quem ma contou talvez a tivesse lido, talvez a tivesse ouvido, talvez a tivesse inventado. Um velho rico e independente tem uma filha, única e linda. A filha tem um pretendente, audaz e pobre. Para o casamento movem-se diligências altas, a família, os amigos, os apaixonados. O velho não cede, inflexível como um cedro. «O rapaz é pobre, mas tem carácter e inteligência». O velho não se comove com a alegação, e redobra de vigilância. E passam assim meses de austeridade e lágrimas. Até que um dia o criado da casa previne o inflexível pai de que na fechadura do quarto da menina, aquele que deita para o jardim, encontrou vestígios de sabão. Evidentemente, alguém tirara o molde, e fôra há poucos dias, que o sabão estava ainda fresco. O ancião fechou-se no oratório essa noite, mas no outro dia,

não esperando que a chave se fizesse, deu consentimento, e a pequena aldeia recebeu outra vez o sorriso da felicidade. E aí está! A sciência do amor, como todas as sciências, tem a grande base dos seus problemas em pequeninos nadas. Quantos dos que me estão a ler, e têm o seu problema e sofrem por êle, não se esqueceram já do carácter e da inteligência e estão neste momento a cogitar também numa pequenina pedra de sabão?

*

Encontrei ontem aquela alegria esfusiante, aquela descuidada, airadíssima mocidade, incapaz duma sombra, sentindo a vida apenas no que ela tem de côr de rosa, indiferente ao perigo, à dor, à ameaça, e então simples até à infantilidade cristalina. Tinham-me dito há tempo que uma paixão formidável se desenvolvera no seu peito, assim como um cancro cujo sofrer fizesse bem, cuja lava tivesse frescura. Mas não podia deixar de ser uma paixão de comédia, um amor anedótico de fim de almôço, com muita côr, com muita

espuma. E foi uma palmada sadia naquelas espáduas académicas, ontem ao topar com êle. Mas, súbito, estremeci. Havia, havia sim, um grande sofrimento no seu olhar. Revelava-se agora aquela alma. «Homem!...» — disse eu. E êle contou-me tudo. Um amor burguês, triunfante, sadio, que acabou numa desilusão... Certo roía-lhe o ciúme, certo aquela dor era ciúme, certo aquele ranger de dentes, aquela raiva, aquele desespêro inédito, era ciúme. E tive um gesto de «não valia a pena». Mas êle entendeu-me na sua lucidíssima inteligência, e, encarando-me em cheio e tomando-me o braço, como ao inimigo, gritou, desvairado: «Não; ciúme não! O ciúme mesmo não existe. O que existe dentro de cada um de nós, espíritos pretenciosos, é um inferioríssimo amor próprio...».

*

Da mão fidalga duma provinciana, de tez morena com reflexos de louça antiga, recebo na hora da missa um livro miniatural, com sua santinha, sua fita de sêda e seu perfume selvagem e consolador, como o dos trevos das

arcas de quatro palmos. Abro o livro para ler uma oração de vinte linhas na sua maiúscula, a encarnado florido, que diz o tempo velho, alheio às profanações da moderna imprensa. À tinta de pena leio, numa consolação que até pareceu, para as gentes que me viram rezar, devoção de jovem crúzio, esta frase de dez sílabas que vale um relicário:

> ... era outra luz, era outra suavidade
> que até nem sei se as há na natureza...

e a terminar:

> ... Fita-me assim calada, assim chorosa
> e deixa-me sonhar a vida inteira!

E ajoelhei também. À jovem aldeã, irmã de morgados de Camilo, e cuja casa de varanda alpendrada tem brasão negro do tempo que eu não interroguei ainda, deu o soneto o seu conversado rico, que o sorripiou dum livro profano do irmão advogado. Grande, majestoso, amorosíssimo Quental! Eu me ajoelho agora, no momento do *a ti Deus*. Eu me curvo, eu rezo diante do teu poder criador, religiosíssimo, supremo, de monge cristão inspirado. Que o amor frutifica, até no livro santíssimo das horas...

*

«Sabes a história da loucura dêsse homem?» E como eu dissesse que não, êle resumiu: — «uma mulher...». E contou: «...era o tipo melindroso da criatura que se encontrou de repente mulher, de menina que ontem tinha sido. Deram-lhe aias, preceptoras, cuidados inverosímeis. A sua organização miraculosa, reùnindo o espírito magnífico do pai e a beleza peregrina da mãe, fez dela uma heroína de novela. A sua lindeza deslumbrava; a sua inteligência causava medo. Era rara. Parecia porcelana. Tinha reflexos. Começaram os pretendentes, elegantes, brasonados, esbeltos. Não os via. A biblioteca fizera-a grave; o salão fizera-a orgulhosa. Mas um dia disseram-lhe que era preciso casar. Casou. Um marido fidalgo e livre. Foram dois anos calmos, inúteis, resignados. Ora à biblioteca da casa iam, donde em onde, alguns estudiosos. Uma vez, certo amigo do marido beijou-lhe os dedos como o marido nunca fizera, e mostrou-lhe uma alma, cousa que o marido não possuía. Amou-o. Louca-

mente o amou. Quiz lançar-se-lhe nos braços. A porcelana animara-se. Mas... inútil. A outra alma era honesta, e resistiu, respeitando a amizade lial, embora pisando aquele amor divino. Mais nada. No outro dia, ela matou-se com morfina. O marido, pouco depois casou. Quanto ao outro...» E o louco, neste momento, serenamente, como uma criança, sorria para o infinito...

Sinto as lágrimas nos olhos. Um amigo comum, do colégio tal qual nós, diz-me, lá de longe, em carta lacónica: «tu sabes, o Luís... Pois estourou a cabeça. O Luís, tam bom rapaz...». Santo Deus! Como o recordo! Passeávamos os sonhos e as ilusões pela avenida nua, a divagar. Estão-me agora a bater à memória todos os seus sonetos. Vejo-o; ouço-o: «Nenhuma mulher, nenhuma, merece o amor dum homem; nenhuma merece o seu sacrifício, a sua confissão! Muito menos a sua confidência». E batia nos ombros, e afinava a convicção sentida dos seus 39 anos

gastos: «Nenhuma, nenhuma mulher!» Foi há treze anos. Estourou a cabeça. Pobre Luís! Que última desilusão o teria atingido? Porque seria?

*

Uma menina de 16 anos, deslumbrada pelo mundo novo que a essa idade se descobre perante a ansiada pupila feminina, deixou-se embalar no fácil encanto das palavras do noivo, um rapaz elegante e cobarde. O pai, prevenido tarde, interrogou a menina, que não passou da primeira negativa e entrou em pranto. Impôs-lhe o pai a declaração, por escrito, e ela assinou-a em lágrimas. «É verdade isto que me dizem?» preguntou o pai ao Lovelace. «Não», respondeu friamente. «E que lhe parece êste documento?». O sedutor deixou cair a verdade com a justificação dum grande amor. «Muito bem. Tem dois meses para casar». O outro entrou a rir, um riso claro, um rir cínico. Ante a afronta, quantas peças tinha o carregador, quantas o homem vilipendiado despejou sôbre o inimigo. Está na cadeia, o vingador, na velha

cadeia de Lourenço Marques, e está tranqüilo. Responde por êste mês perante o juiz, os jurados, as testemunhas, o público. E só não responde perante a pessoa — a única — que tinha o direito de o julgar e já talvez o tenha condenado: a filha...

*

Estive ontem de confidência com um rapaz amigo, condiscípulo de há quinze anos, e então generoso e bom, qualidades que são depois as condições elementares da virtude. Perdi-o emquanto êle se doutorou duas vezes e eu fui pela vida até o jornal. Excelente! Sadio de espírito e de físico o velho moço! Apenas um leve sorriso de tristeza que êle não tinha, e daí a confidência. Casara. Não era feliz. Nunca gostou da mulher. Casara como tantos. Uma cousa para ali... Vinte e cinco anos! «E tua espôsa?» preguntei indiscreto. Infeliz também. Êle fizera-a perder, impondo certo poder sugestivo e nomes de família, um casamento de amor. Talvez uma paixão. Agora estavam em frente do inevi-

tável. O divórcio não remediava já nada. «Se eu a matei... Se a flor do seu idealismo eu fiz secar nas minhas mãos...». E confessou-me então, na sua maneira íntima, como no tempo do sentimentalismo, isto que eu te repito a ti, leitora, e que tu não és capaz de entender: «Aí tens... A minha infelicidade é apenas a de não poder resolver a infelicidade dela. Não ter um amor para lhe dar, ainda que êsse amor não fôsse o meu...».

*

Tem dezasseis anos e era triste até ontem. Mas hoje apareceu risonha, inspirada, deslumbrada, mais bonita que nunca, e *cantabile* como uma redondilha. Senhores, que terá a menina?! E ela ri, nervosamente, novas florações nas faces, os olhos cheios duma luz suave, dir-se-ia que arrancada da natureza, dum mixto de sol e de luar, húmido e quente, que parece desfazer-se em pranto que não é vontade de chorar e antes se afigura vontade de rir, de rir muito. De ontem para hoje o seu colo tomou majestade e, em poucas ho-

ras, o pisar vestiu-se da graça hierática das princesas. À roda dela tudo canta, como no ritual de Talmud, maravilhosos hinos a Deus, e parece ouvir-se órgãos, alaúdes, sonatas misteriosas. Senhores, que terá a menina?! E só a mãe está tranqüila, e só a mãe sorri disfarçadamente. Ah! Por que ela, a mãe, bem sabe que o Amor é a grande, a maravilhosa aleluia da vida!

*

Quando nova fez a sciência do amor, não amando nunca, como certos homens que passam a vida a estudar o corpo humano nos cadáveres dos outros. Mas conserva por isso mesmo uma veneração ritual, um culto íntimo e fervoroso ao amor, às suas desgraças, às suas tragédias. Ouvi-la, agora que o seu cabelo se cobriu de branco e a sua face se macia em rugas que ela não disfarça, é entrar nos mistérios subtilíssimos do sonho, sem deixar o humbral fatigante da realidade. Quando a sua voz de ouro exaltava há dias, numa câmara de fiéis, a sublimidade divina

do sentimento que rege todas as existências, alguêm lhe replicou subindo até o púlpito lavrado da sua inspiração: «mas o amor morre...». E ela então, numa lição delicada de avó, docemente, carinhosamente, como se alindasse com seus dedos suaves o cabelo dourado duma netinha, replicou: «a morte é a única cousa eterna da Vida. Buscar o amor pelo caminho da morte é ir ao encontro da eternidade».

⁂

Lembram-se daquela costureirita de que eu lhes falava há dias e que só às nove horas da noite «tinha ocasião» de comer o trigo que a terra dá para todos? Suicidou-se ontem. Era uma criaturinha fina de ancas, airosa no pisar, quási distinta, e triste; ria pouco e sorria amiúde. A mim fazia-me lembrar a Maricas, do Trindade Coelho. Pois suicidou-se, a linda. Fui vê-la: a cabeça um pouco amachucada da queda, mantinha ainda a beleza e o mesmo laço côr vermelha, e nas faces dir-se-ia residir a mesma tinta dos dezasseis anos, viciada um pouco nas macerações ro-

xas que vinham de lesões internas. Porque se matou a triste? Porque o pão só lhe chegava quando Deus quere? Não. Porque o namorado a trocou por outra. Tinha um amor a pequena, havia nela um ideal. Pobres almas estas brancas, que se desfazem ao contacto da primeira desilusão! E saí scismando na supremacia eterna do idealismo sôbre a matéria, e no domínio do beijo sôbre o naco de pão...

MAU HUMOR

Claro escuro que não causa medo, e fica muito distante de dúvida. Mau humor—espírito a que faltou o sol momentâneamente, e que é no dia o minuto de verdade. Negação da tristeza; confissão de alegria salutar, senhora de toda a felicidade, e que se amuou.

Passei meus olhos esta manhã pelo *Jardin d'Epicure*. E encontrei o sr. Anatole France, um rapaz como eu, a fazer o elogio das pecadoras e a declarar que o mal é necessário à vida. Laïs teria inundado da doçura de seus olhos húmidos o rosto cavo do criador do *Silvestre Bonnard;* Alexandre VI tê-lo-ia feito cardeal. A formidável lei dos contrastes! Para que alguns homens possam fazer da honestidade uma profissão é necessário que outros homens tenham pecado; para que aquela que ali vai seja uma espôsa virtuosa foi preciso que a sua vizinha do lado tivesse atraiçoado o marido. O perfume da rosa seria cousa indiferente se não existisse a sardinheira, e, se não houvesse pombas negras, nenhum namorado chamaria à sua dama «minha pombinha branca». O mal necessário à vida! É verdade, amigo, confessa. Se não vivessem as feias — diz — como é que a tua amante se podia julgar bonita?

*

Quando o cansaço me domina, nesta velhice espiritual que começa cedo para os grilhetas da pena, releio. Volto-me às primeiras leituras dos vinte anos, que os não há outros, que os não poderia haver, mesmo que as idades, como a marcação nos termómetros, baixassem quando conviesse. Releio: «Eh bien, non! Je ne pars pas; c'est une trop grande folie dont je ne me sens pas la force. Pour des coups pareils, mon pauvre ami, il faut la jeunesse que je n'ai plus, ou l'aveuglement d'une passion folle qui nous manque...». Pobre Sapho! «Je te l'ai dit, mon cher enfant, j'ai trop aimé, je suis rompue. À présent j'ai besoin qu'on m'aime à mon tour...». Pobre Sapho! Abençoado, tu, desgraçado Flamant, que saíste da prisão de Mazas!... E fico a pensar, a pensar profundamente nesse maldito Daudet que, na leitura duma página velha, atira a alma, o coração, o espírito, a vontade de quem o lê para as paragens religiosas do sofrimento. E aparecem-me em chusma esta horda de

forçados da pena — deve ser uma grande tortura o querer ter talento à fôrça — que andam aí em todos os livros a cavar originalidades, nas quais não há nada de humano nem de divino — que é a mesma cousa...

*

Andam alguns homens toda a sua vida de santos pacientes à procura, como escravos dum senhor que êles próprios são, do Amor, da Fortuna, da Glória. Outros homens, mais sábios e conscientes da inutilidade dos seus esforços, e porque não ignoram que a mulher, o dinheiro e a glória só chegam pelo acaso — essa interpretação simplista do destino — deixam-se ficar de braços cruzados, através de todos os sacrifícios e abnegações, à espera da hora certa, certíssima que há-de vir. Pobres dêles, os que procuram, os que esperam! A Glória, a Fortuna, o Amor não merecem que por êles se queime um minuto de tranqüilidade. Ouro, carne, triunfo só valem pela quantidade de Beleza e de Ideal de que nós, homens, somos portadores, e que nós lhe atri-

buímos pródigamente. Tivesse-as eu aqui à mão, e eu as daria inteirinhas para que êles, os escravos e os crentes, vissem de que fragilidade dentro da posse é feita cada uma dessas idealizadas misérias!

*

Que esplendorosa a babilónia da vida! Os sonhos hindus e as pormenorizações das mil e uma noites; a policromia da imaginação fértil e o pensamento voando nas asas do *farniente;* a adivinhação do atrasado e a adivinhação do que há-de vir. Que esplendorosa a babilónia da vida, com a miséria da realidade abatida como uma águia a meus pés!... E entretanto o fumo do cigarro subia, subia, em espirais azuladas e trémulas ao sôpro das conversas ao lado, e a felicidade ia ali dentro, no carro eléctrico fechado, na Cartago em ruínas e nos templos etíopes com donzelas de cobre desenhando linhas. Mas eis que o condutor me proíbe de fumar. «Porquê?» Porque é contra a disposição. E porque se não há-de fumar dentro do carro, e sabo-

rear o fumo, e sofismar a realidade na embriaguez do alcalóide vestido dum perfume qualquer, distraído e ágil? Por causa das senhoras - explicam-me. «Está bem!» O que eu pregunto aqui, sem que ninguém me ouça, é se há neste mundo alguma mulher que mereça que um homem sacrifique por ela o seu cigarro.

*

A citação é um pormenor elegante na factura literária, e que nunca deixa de ir bem no recheio massiço das ideas. A sua aplicação é mais do que uma sciência; é uma faculdade. Vê-se, porêm, muito agora as páginas dos livros e os artigos dos jornais carregados de citações, numa erudição intencional, espectaculosa. E não há vez alguma em que encontre estas exuberâncias, que não me venham à memória aquelas mulheres que se cobrem de jóias para compensar a falta de espírito ou que enchem de chumaços de algodão os entre-forros dos vestidos de sêda para disfarçar os alcijões das ancas.

*

A mulher é boa companheira do homem, mas o homem é sempre melhor companheiro de si próprio. A mulher dos escritórios, das artes, das profissões livres, das funções públicas, não se iguala ao homem no trabalho, e quando quere ser simplesmente «um camarada» é inferior ao primeiro desconhecido com quem topamos no café. A mulher fora de casa é exotismo bárbaro. Da parte do homem tolerar a invasão é cobardia, acusa confessa incompetência, anulação da missão do homem na terra: cultivar a mulher. Da parte desta quere dizer: traição. A mulher a trabalhar com o homem é género americano ou inglês como as mobílias de casa de jantar, que custam o triplo do que valem e são feitas de réguas. A mulher companheira? Mentira. Escrava sempre do homem, na oficina, no escritório, na loja. A mulher independente? Mentira. O homem paga mais por ela quando ela trabalha ao lado dêle. Adquire vícios, atrofia-se nas virtudes, embebeda-se de luz, faz-se grosseira, tem exigências. Fora do lar

a mulher é a negação do lar, a ruína do espírito da família, a atrofia do sentimento da continuação. Comecei a pensar assim há 4890 anos, no tempo de Jacob, e mais tarde Ruth, a Samaritana e Maria de Magdala disseram que eu tinha razão. Não se me acabou ainda a Bíblia e espero morrer tal qual penso, e em Jehovah.

*

A questão dos portos, a questão colonial, a questão do turismo, as linhas de navegação, as rêdes ferroviárias, a reforma social, o desenvolvimento da riqueza! Sabemos lá! Estes problemas continuam a constituir devaneios de jornalistas, ou base platónica de protestos de críticos despeitados. Fala-se na Pátria, fala-se na concorrência espanhola, fala-se na honra. Inútil! A vida política galga e submerge. E assim se justifica a fuga de certos homens da vida nacional, o seu alheamento voluntário, como aquelas virgens apaixonadas que se refugiavam nos conventos, desiludidas do amor, ou como o conven-

cional G... «aquela alma sòzinha», que salvou, em nome da liberdade, o palácio dos reis merovíngios, em 1793, e que, em nome da mesma liberdade, foi proscrito e teve de procurar refúgio no fundo dum baldio. Mas, ai de nós! onde se encontra agora um bispo de Myriel que ajoelhe e possa balbuciar: *vermis sum?*

*

Há dentro desta sociedade de bons rapazes distraídos, e malévolos por feitio, em que vivemos, uma tendência ancestral para a deturpação dos sentimentos. Nós os que escrevemos e os que lemos, que somos todos uma e a mesma espécie; nós em vez de reagirmos, como qualquer carroceiro, deixamo-nos ir na onda. É romântico, é cómodo! Daí o hábito de os copiar, a êles, na torção das verdades estéticas do pensamento, de transigir numa curvatura regularíssima de espinha. Não levamos nunca a mão ao chapéu porque se confunde o gesto com humildade, e precisamos de ser arrogantes, ainda que com sacrifício da educação. Hoje a gra-

tidão é subserviência, o que não admira, desde que se chama à esperteza inteligência, à habilidade talento, à cautela honestidade, ao desejo sensual amor. Da ligação da luz com a sombra resultou um claro escuro que se chama dúvida. Vivemos nela. Nós próprios duvidamos da pureza da nossa expressão. Se escrevemos vinte linhas interrogamos: *Mas êles entendem?* Se cumprimentamos alguêm ficamos a pensar: *Por quem me tomaria?* Se beijamos a mão duma mulher logo reflectimos: *Mas passei por tolo...?* E nesta dúvida, andamos com o nosso gesto, a nossa pena e o nosso beijo constantemente humilhados.

*

Flores de luxo! Rosas deslumbrantes! A vossa miséria vem do vosso perfume, do milagre da vossa côr, da tentação do vosso veludo. Andam as montras cheias da vossa tentação arquiducal, como os passeios de mulheres que é proibido olhar. Não vos compro! Na mesa pobre, onde os papéis não têm perfume e os livros não têm dourados, a

vossa beleza seria uma afronta. Não vos quero. Esperam-vos as actrizes, as amantes, nos *boudoirs* perfumados, nos colos escaldantes onde viveis cinco minutos, antes da asfixia. Prostitutas! E deu-vos a primavera a côr, a manhã a frescura, a terra a seiva e o jardineiro o carinho! Prostitutas! Quero-me com estas pequeninas rosas de toucar que namoram o luar e as cabeças das crianças, e se estiolam por si ao terceiro dia na mesma haste, no mesmo sítio em que nasceram.

*

Venho duma exposição. Em altares de vasos, ou num plano extenso do jardim, milhares de crisântemos patenteavam-se nas centenas de espécies apuradas religiosamente no culto panteísta inconsciente dos apaixonados. Os crisântemos entristecem. A flor do ouro é monótona e deslumbrante em demasia para que caiba no espírito recolhido dos que amam a flor, na sua simplicidade. Os crisântemos estão bem com a época. No egoísmo que domina o nosso tempo, a majestade es-

pectaculosa dessa flor, de cultura fácil e nenhum perfume, preenche o seu lugar. A sentida originalidade da flor japonesa, a graça exótica da sua cabeleira dourada, o encanto dos seus florões vistosos, perderam-se na policromia dos enxertos, no abuso das colorações. O idealismo do crisântemo, como todos os idealismos, afundou-se. Venho agora duma exposição. Tenho os olhos cansados de tanta flor falsa e doe-me a retina da linha empertigada dessa flor, que se sustêm artificialmente. Recordo-me das rosas pequeninas que se debruçam dos muros, e evoco a humildade dos miosótis e das violetas, que se deixam morrer à beira dos lagos...

*

Cai-me diante dos olhos um jornal de há dois anos. Que cousas distantes, as dêsse tempo! Parece um livro de História, o pobre jornal. E o que êle diz, e o que promete! Os governos farão, nós faremos, o povo fará... Cousas, cousas que nessa altura se leram com a volúpia dos amantes e se sa-

borearam como uma carícia que se namorou! Vou ver: não há dúvida, o jornal é de há dois anos. A guerra, a vida dos políticos, a felicidade das gentes, os problemas internos, o crime, o amor, a vertigem... Que mundo de deliciosas mentiras! E lembrar-se a gente que o jornal que estivemos ontem a fazer pode ser lido daqui a dois anos!...

A Vida não é outra cousa mais do que uma grande representação. É velho o conceito, mas é formoso. O Universo é todo uma Aspendos eterna. As farças e os dramas, as tragédias e os entreactos, as moralidades e os mistérios vivem de nós, por nós, à roda de nós. Tudo parece mudar imprevistamente até para o actor, mas o imprevisto é matemáticamente calculado pelo Destino, que preside à representação e que, de vez por vez, faz *reprises* de grande espectáculo, servindo-se da História como um recurso, que a êle próprio lhe falha o original. Cada homem representa o seu papel, mas tal qual

no teatro de lona, há criaturas cujo carácter se desdobra a ponto do próprio Mestre se enganar na distribuição. Aí temos na scena saloios tímidos a fazerem o papel de generais, e aí vemos débeis ingénuos interpretados por figuras que no fundo não são mais do que refinadíssimos patifes.

*

Tic, tic, por aí abaixo, passo miúdo e académico, eu sigo-a. Uma peliça finíssima envolve-lhe o pescoço esbelto de garça, um cinto desenha-lhe um pouco o corpo delgado de vespa e o seu pisar desfaz-se em graças, por aí abaixo, tic, tic... Todos olham para ela, e eu continúo feliz, a segui-la. O que ela tem que mais me seduz é a cabeça, uma cabeça lindíssima, toucada maravilhosamente, e leve, tam levezinha que certamente não tem nada dentro. Iria de olhos fechados, sem me enganar, atrás dela até o fim do mundo. É que o perfume que ela deixa vai fazendo caminho, como uma estrada de saùdade daquelas que depois até

se percorrem, em sonhos. Tic, tic, tic, por aí abaixo, e eu seguindo-a. Claro que tanto perfume foi desaguar a uma perfumaria, e só então a deixei! Sinto ainda o seu Guerlain e vejo a sua cabeça em perfil, saindo da peliça branca de princesa. Devem ser encantadoras estas figurinhas vãs. As mulheres quando pensam não pensam cousa boa, e estas cabecinhas lindas e ôcas ainda são, no eterno feminino, a melhor cousa que um homem pode desejar na vida, e sem conseqüências...

*

A vida não tem nunca nada de novo. Nada sucede que não tenha sucedido. As faces das cousas e dos homens reproduzem-se de hoje como de ontem, como do ano passado, como dos séculos bíblicos. Tudo é velho. Nada tem princípio; é tudo uma continuação. O absurdo não é isto; o absurdo é a gente tentar encontrar uma cousa que não existe: o começo. O mundo não teve criação, porque não há primeiro minuto em cousa alguma. Só o poder do homem, que na terra

é mais alguma cousa do que barro, consegue dar às cousas novidade. Pintar, escrever, esculpir é sustituir uma face pela outra. Anuncia-se hoje uma peça nova. Que aspecto, que fisionomia desconhecida, que inédita expressão humana, que esgare, que tortura, que beleza disforme, que nova mentira de amor teria Schwalbach, o autor, encontrado nesse monstro velhíssimo, hediondo, desdentado que somos todos nós?

*

Há alguns dias na praça Rio de Janeiro um gato, perseguido talvez, ou com a mania de que o perseguiam, subiu velozmente com quantas patas tinha por uma araucária *imbricata*. Subir, subiu êle, mas descer... *hoc opus hic*. E passaram horas, um dia, dois dias, e o pobre tímido felino sem baixar, instintivamente fugindo à vertigem fatal das alturas. No alto da árvore ali passou duas noites miando, um miar doloroso de fome e de frio, um miar constante que punha calafrios de superstição nas gentes que ha-

bitam os palacetes em redor. E foi-se juntando gente, correndo a notícia, sem uma solução, sem um remédio. Até que, exactamente quando alguêm se lembrou de ir chamar o carro Magyrus, um soldado atrevido, com risco de queda, subiu ao alto da araucária, e, carinhosamente, com muitas festas de precaução inteligente, conseguiu aproximar-se do bicho e, não sei como, trazê-lo cá para baixo, salvando-o da morte inevitável. Pois o gato, a primeira cousa, e suponho, a única, que fez, mal chegou à terra — com pasmo dos circunstantes — foi morder a mão do seu salvador. Depois fugiu. Fique a história para identificação do carácter felino e assinalemos, para honra da nossa espécie, que, se fôsse um homem, tinha esperado, pelo menos, mais alguns dias...

*

Tem feito um tempo horroroso, tem chovido, tem uivado. Na Baixa central, protegida de colinas e de agrupamentos compactos de prédios, unidos como senhorios,

a invernosa quadra, a esticar, mal passa aos ouvidos dos fidalgos dos bairros velhos. Mas nas colinas, mas nos altos, mas nos píncaros da cidade? Deus do céu! o vento uiva como em navio desmantelado, e na casa do pobre, pelas frinchas das portas e das janelas, canta maldições, como nas enxárcias. E, todavia, o rude proletário ceia e dorme! Na casa confortável dos ricos e dos senhores protegidos da fortuna talvez não entre o vento, mercê dos aperfeiçoamentos sagazes da carpintaria, que tudo veda, hermèticamente. Chega lá, no entanto, nos jornais e nos folhetos, pelo boato e pela propaganda, a história normanda das exaltações dos párias, que são uma espécie de vento destruìdor e sem pôrto de destino nem de origem. E, emquanto, agora, os operários ceiam e dormem, êles, os infelizes da fortuna, murmuram — coitados dêles —: *mea culpa, mea culpa, mea maxima culpa!*

DAS MULHERES

Há tanta diferença entre a Mulher e as mulheres como há entre o bem e o mal, o espírito e a matéria, a luz e a sombra. A sombra, contudo, tem encantos, o mal tem virtudes e a matéria tem beleza, e é desta beleza que desabrocha a vida. Para alguns homens a Mulher está em todas as mulheres. Perdoemos-lhes. Sabem acaso estas, ainda as que têm o poder divinitório que reside fora do sangue, onde se encontra o Homem?

Quando eu espreitei, aproximando-me pé-ante-pé do seu pequeno *boudoir*, muito discreto, ela, que não me pressentiu, revia-se felicíssima da sua beleza delgada diante do espelho oval enorme, preso entre duas colunas douradas de talha antiga, desconcertando do conjunto monótono do resto do mobiliário inglês. Não me viu. Colo nu, subindo duma espuma de rendas caríssimas que a boa avó lhe trouxera de Bruxelas; cabeça negra de crioula em vésperas, dentes perfilados para morder, olhos ensaiando todas as volúpias perigosas, Mimi estava simplesmente detestável. Fiz dois passos e entrei. Fingiu ter pejo; acabou por dizer que estava à vontade, «você é um filósofo», e entre duas graças anunciou... que ia casar. Eu já sabia; era amigo do noivo, um pobre diabo inteligente, trabalhador, estudioso e bom, que se apaixonou por ela e que lhe prometeu a felicidade. Casaram; foi um

acontecimento elegante, quebrado apenas pela banalidade dalguns amigos do noivo. Isto foi há anos. Li o divórcio há cinco dias. E agora, sòzinho, no meu recanto de trabalho, eu, que ignoro o drama ou a comédia do divórcio, pregunto a mim próprio a que atribuir aquele desenlace sem romance: se aos livros que o marido não deixou de consultar, se ao espelho oval onde ela não deixou de se rever...

*

Certas mulheres fazem do amor a mesma idea que outras mulheres fazem da graça. O amor é para elas, na sua concepção estreita de bonecas, uma cousa brutal, instintiva, regrante. Reside êsse amor dentro do sangue, percorrendo escaldante as veias rosadas e azúis, como o sobressalto que se apossa das almas ante o espectáculo dos incêndios batidos pelo vento. A graça será o esgare do riso, tocado pelo paradoxo ou pela estilização do *calembour*, mais do que a melindrosa espuma do espírito, que faz apenas sorrir e é cheia de infinito. E assim o amor e a

graça se tornam irmãos através a interpretação falsa, através o desprêzo inconsciente, a que numa afronta grosseira a votam, por não serem capazes de os entender, essas criaturas para quem a graça e o amor foram afinal criados, vivem, esplendem e espelham luz : as mulheres. Sou agora obrigado a crer que a graça, como o amor — que são a virtuosidade no pensar e no sentir — só estão alguma vez nas mulheres, porque os olhos dos homens se comprazem em fingir que lá os encontram.

*

Hora do *tea*. O que há de mais lindo, de mais mundano, de mais postiço enche o *hall*. Raios coados pela cúpula lilás fazem pelo ar uma estrada de violetas às notas húmidas de Massenet. Certo reboliço agora. Os cavalheiros procuram pela face vermelha dos grandes tapêtes ingleses qualquer cousa que caíu. Os criados solicitam que ninguêm se mexa. Desfez-se um fio de pérolas, e a dama, ruborizada, quebrando o desdêm que fôra toda a sua beleza até ali, justifica «que tinha

sido o seu presente de noivado». Uma precipitação... O *groom*, feliz na procura, coloca sôbre a bandejinha dourada quinze gotas luminosas. *Está bem*, diz ela, num sorriso de quem muito raro sorri. Nisto, um cavalheiro até ali despercebido, adianta-se, e, numa correcção fidalga, numa mal disfarçada ironia, diz:

— Perdão, minha senhora, deve faltar uma.

— Ah! Pois... recorda-se?...

E inundou o seu rosto pálido duma tristeza fria.

— Tinha então v. ex.ª, minha senhora, dezasseis anos...

Fôra curto o diálogo. A dama afundou seus olhos uns momentos na superfície ouro torrado da chávena, onde uma folhita morta evocava a sua liberdade oriental e, pouco depois, saíu. O cavalheiro, êsse sumira-se já. Disseram-me: era o marido. Tinham-se divorciado há pouco tempo e fizeram vida conjugal apenas uns meses. «Ela era muito criança! Uma pena»! E seria tam fácil deixar acrescentar mais umas gotas no fiozito dourado das pérolas...

*

Paris diz-nos, em tom de romance, ter morrido há dias em qualquer modesto *faubourg* a Mimi, de Murger. Afinal, não se tratava da Mimi dolorosa, heroína da tísica e dos amores de Rodolfo, mas apenas duma sentimental admiradora do escritor, êsse Murger infantil que dorme desde 62 num recanto florido do Montparnasse. As verdadeiras Mimis desapareceram há muito da vida. Que é da Sapho, da Zaza, da Musette e dessa virginalíssima flor «perle-fine» que foi a Mimi Pinson? que é das amorosas, papoulas vermelhas do império, da revolução, da restauração?... Na voragem dos egoísmos, a mulher, ainda a que se vestiu de honestidade, foi a primeira a falir. A asa do idealismo levantou vôo da terra, e não volverá. Se algum Rodolfo, dos que para aí ficaram, quere encontrar, para ver de que cristal são feitas, essas criaturinhas melindrosas do amor e da virtude, tem de rever as páginas eternas dos poetas que foram. Mimis? Outro tempo... Limita-se a gente

agora a abrir Alfredo Musset e a cantar com êle, numa indiferença absoluta pelo feminismo postiço dos nossos dias :

Mimi Pinson est une blonde,
une blonde que l'on connait...

*

«Tu sabes — preguntava-me há dias um curioso espírito de realidade coada por um romantismo prático — tu sabes o que a Celeste mandou dizer da América ao Marcelino Mesquita, a propósito do primeiro exemplar perfumado que êle lhe remeteu do *Grande amor?* Pois tu não sabes?...». E riu muito êsse curioso espírito a que me refiro, seus dentes brancos vincando a ironia trágica da vida na gargalhada dos convencimentos artificiais. Vestido de carneira, em letras de ouro velho, eu tinha sôbre a mesa um exemplar da maravilha literária dêsse herói, rebelde aos 61 anos, a cantar o amor que os jóvens de agora negam cobardemente, como os experimentados devassos. E lemos uns períodos, fazendo a peregrinação deli-

ciosa, desde a declaração à renúncia, passando pela posse espiritual de bordo, pela subida entre azul aos páramos do êxtase, pelo adeus. «Mas tu sabes o que ela mandou dizer do seu Brasil, ao pobre Marcelino, que com ela, deusa e beleza imaculada, viveu as horas mais atribuladas da sua vida de poeta enorme? Tu sabes? Isto apenas: gostava de saber com quem foi que se passou toda essa história de amor...!». E deu o meu bom companheiro uma gargalhada franca, que acordou o bairro. — «Esquecera-se; ela, a mulher, esquecera-se já de tudo!». Boa leitora: Se esta *blague* do meu ironista não é verdadeira, tu sabes melhor do que eu que ela é espantosamente verosímil...

*

Lá anda, lá a vejo, alucinada, desvairada, corroendo do seu desespêro infinito as faces lindas de sacrificada toda, de oferecida toda, sem a satisfação suprema de ter sido compreendida, ela, objecto de posse perpétua, alma só dum senhor. De tanto beijo nenhum

foi o beijo que ela sonhou. Adivinha-o agora. E cresce o desespêro com os dias que passam sôbre o luto. Ela bem o vê a êle, o eleito da sua beleza, no tremular indeciso, gradual, que tem a chama da candeia quando se extingue, no minuto consciente para a vida que renasce muito lá; ela bem o ouve, a êle, lívido como um Cristo da colecção marfínea dos museus, balbuciar no último esfôrço ingente, luzita da candeia a iluminar mais que a luz do sol inteiro; «o homem que vier depois de mim... ouve, Maria... que te compreenda como eu te compreendi...». E chora. Ela, farrapo de luar dêle, cousa escrava, mulher que se transformou em mãe e virgem, irmã e noiva, pecado e pureza inviolável de mistério, ela para outro homem! Incompreendida! E morde os lábios, e desfaz-se no seu próprio impossível, poderoso como uma esterilidade. Lá anda, lá a vejo, alucinada, desvairada a arrepender-se dêle, que foi generoso e bom, humano na hora da visão profética dos instintos; dêle, sôbre cujo leito de argila suja caem neste momento apenas as lágrimas que a noite chora sôbre todos os que deixaram de ser.

... as suas rosas de despedida (p. 139)

Aguarela de Helena Gameiro

*

Na manhã do dia em que ela partiu, feliz, com o marido, para essa viagem estranha de noivado, êle, o preterido, na hora em que no Coração de Jesus gemiam os órgãos e ardiam círios perfumados, entrou na pequenina biblioteca discreta onde ela costuma passar a tarde namorando as heroínas das novelas, e, arredando os autores desprezados, colocou no solitário de cristal liso, sôbre a madeira negra do bufete italiano, as suas rosas de despedida. Apenas a criada predilecta deu por isso. A porta fechou-se nessa tarde, os noivos partiram, e correram dez meses. Que linda a Itália! Que maravilha rendada a das renascenças! E como é azul o céu e amoroso o ar quente que se respira nos museus, macios como veludos de Tinturetto! Quando ela voltou — longa viagem de núpcias! — quando ela voltou, a sua livraria dormia no esquecimento feliz dos seus dedos, os quadros meditavam, a poeira tinha uma respiração subtil como a dos moribundos, e apenas, à roda do soli-

tário, as pétalas engelhadas, sêcas, das rosas Trianon, viviam a vida esperançosa dos que esperam alguêm. E foi essa, com certeza, a primeira vez que ela compreendeu as flores...

*

Toda a gente sabe, ao menos porque os poetas o têm escrito, que há mulheres que se vendem. Que se vendem, mais públicamente do que outras. A gente vê-as passar, essas que estão a público, e tanto vai o progresso no vestir e no pisar nas mulheres de virtude, que já se não distinguem umas das outras com facilidade senão pelo experimentado olhar dos devassos que fazem profissão nos *corsos* elegantes de Lisboa. A virtude e o pecado têm, cada um, os seus aduladores; morre-se pelo talhe desdenhoso, casto, aristocrático, duma mulher, tanto como pelo ar *canaille*, provocador, escandaloso duma outra. Prefere-se uma séria a uma fácil, como se prefere uma loura a uma de olhos escuros de misteriosa noite. Eis um assunto grosseiro! — está a balbuciar a minha pequena

leitora compadecida. Duma delicadeza melindrosa de asa de insecto que se desfaz ao tocar-se-lhe, é êste assunto, minha senhora. Lembro-me sempre que estas que se vendem hoje em público foram aquelas que principiaram generosamente por se dar.

*

Encontrei-o ontem — não o via há muitos meses — aquele tímido, ingénuo, apaixonado moço, meu vizinho de quarto, que mais de um ano passou as noites com o candeeiro aceso e a imaginação em fogo, e durante o dia parecia alheio, distraído, esquecido de si próprio e das suas obrigações. A paixão que lhe nascera por aquela mulher que êle descrevia «como uma Foscarina» — era elegante o idealismo dêle! — converteu-se depois numa adoração serena, repousada sôbre a sua própria virtude, reflectindo-se como miragem na impossibilidade de a ter, de a possuir. Mas a vida esconde abismos e tem surprêsas... Encontrei-o ontem: a sua melancolia antiga, romântica, estava substituída por uma tristeza sêca, contorcida, dentro da

qual, lago escuro, não é possível ver boiar nenhuma pétala.

— E então?

Encolheu os ombros:

— Tive-a! Ela, a divina, tive-a! Tenho-a ainda. É o céu!

— E daí?

Deixou cair os braços.

— Mas que saùdades do tempo em que o meu candeeiro toda a noite velava só por ela!...

*

Dizia-se daquela mulher cousas originais. A sua lindeza magra e o seu tipo argentino, os seus olhos negros e os seus dentes sempre prontos ao sorriso, os seus hábitos livres e as suas *toilettes* simples, faziam dela uma criatura discutida, querida, desejada. Freqùentava casinos, grandes hotéis, casas aristocráticas; percorria todos os clubs, ia a todas as récitas de gala, fazia visitas, estragava dinheiro e não se lhe conheciam amantes. Um dia, numa censura natural, numa roda de gente dourada, disseram-lhe: «Então nem

um amante, um ao menos...». Ela lavou os lábios na taça fresca onde o *Champagne* contudo já perdera a espuma dos primeiros ímpetos, e completou: «Trago-o esta noite...». Duas horas sobejaram para levantar a poeira da espectativa na cidade e encher o Club Militar, onde se aprazou o seu encontro. À meia-noite, efectivamente, correu-se o pesado reposteiro holandês e viu-se então um pequenito de cinco anos, ágil e belo, entrar na sala, percorrê-la num relance e dirigir-se àquela mulher, que se ergueu para o receber, como a um príncipe. Erecta e orgulhosa, não tardou um minuto, a criança pela mão, ela saíu. À sua passagem e do amante calaram-se as conversas, pararam os jogos do vício e do amor e abriram-se duas alas de cortesãos. O violoncelo deixava cair as lágrimas da Zaza...

*

Vejo-as passar, as feias, muito enfeitadas, muito garridas, triunfantes da fantasia do *atelier*, olhando-se nos espelhos furtivos, nos vidros polidos das montras, a ver se estão

hoje mais bonitas, menos feias do que ontem. Pobres delas, as ricas e as pobres, que todas são pobres da beleza escassa com que o destino divide a mulher. Pobres delas! Vêde como riem buscando uma graça, vêde como fitam tentando a misericórdia da nossa contemplação, vêde como é de sofrimento a expressão apagada do seu olhar! Porque as não fez o céu bonitas como as outras! E elas passam, e deixam perfume, e levam flores como as outras, e têm *toilettes* de preço, e têm naturalmente uma alma e dentro dela insondáveis segredos, maravilhas de resignação, de dedicação, de sacrifício. Não vos entendem os homens, cegos, ansiosos, alucinados da beleza estonteante das lindas! Não percebem êles que a beleza é sempre efémera e a frescura um momento, uma cousa, e a outra consumo dum banquete. Não sabem êles que a hora há-de chegar em que todas as rosas caiem. Ah! Eu bem vos entendo. Que vos importa isso! Que morrêsseis ao dia seguinte como um roseiral sob a geada, mas que só um dia, um dia apenas, fôsseis lindas, fôsseis infernalmente bonitas, pudésseis ser adorávelmente perversas! É isto, não? Ah! Eu bem vos entendo. Pobres feias!

*

Tinha sido linda nos seus tempos. Linda, muito linda! Contavam-se da beleza dessa criatura lendas milagrosas de conversão. Que o seu olhar tivera o poder de rebaixar os olhares de todos os homens, que a sua fala havia tido o condão de converter à sua fé as almas mais descrentes. Poetas, scépticos e filósofos choraram por ela. Certo geito que tinha então de aparentar ternura, e que logo se descobria em desdêm, originara suicídios. Quantos! Ora ontem dei com essa mulher. Gasta, cansada, vencida, humilhada pelos anos, envolvi-a voluptuosamente no meu olhar de saùdade. E fôra linda esta mulher! Naqueles minutos, meus olhos, caindo sôbre ela como uma justiça, lhe animaram a sêda morta da face, lhe despiram as rugas, lhe sondaram a beleza antiga, reconstituíram o primitivo rosto, a curva divina, a lânguida, a entressonhada altivez, até a graça, até o perfume, até o desdêm, até o amor. E nada, mas nada!... Quanto mais meus olhos a cravavam dum desejo de ressurreição, mais

os tecidos se tornavam flácidos, e se amortalhavam, e se descosiam da ossada, e a lúgubre imagem do fim aparecia como um castigo. E foi preciso que meus olhos baixassem casualmente para a cabeça da netinha que ela levava pela mão, para que na minha alma voltasse a nascer a luz e se fizesse de novo ouvir a música dos ninhos...

Não podia haver sôbre a terra uma amizade maior. Viveram, estudaram, sofreram juntos. Quási era amor aquela ligação de almas; amor-fraternidade. Até que um dia um dêles casou... (Previno que não estou extratando o drama *Les Amis*, de Haraucourt). Eram dois amigos; passaram a ser três. A bôca dessa mulher, a eleita, tinha sempre um beijo para os dois amigos, e à hora da entrada e à hora da saída o que não era o seu espôso participava da mesma fonte. Ora um dia, êle e ela, os que não eram casados, deixaram descaradamente de se beijar. «Vocês já se não beijam!?» exclamou

o marido assombrado, vergado. Houve uma pausa e os três deixaram cair as frontes. Ah! A excelsa, a diáfana, a cristalina pureza lustral do beijo, pureza sempre, beleza sempre, humanidade sempre, quer una duas amizades, quer prenda dois amores, quer funda duas volúpias! A divindade do beijo! Do beijo que só começa a ser pecado no dia em que se deixou, em que se teve medo de o dar!...

«Mas pode amanhã voltar a ver-me...», disse ela, firmando sem esfôrço os seus olhos húmidos na dúvida que caía, como um véu de cinza, pelo rosto daquele mancebo ingénuo. — «E porque não há-de ver-me amanhã?» Recostada sôbre a penugem macia do almofadão de púrpura, que lhe fazia amparo, num recôsto grave, senhoril, honesto, ela analisava a impressão que as suas palavras causavam nele, que, hesitante, abatida a sua altivez forte de lutador, cabeça entre as mãos espalmadas, a envolvia de curiosidade nova, com o seu olhar surprêso das revela-

ções. A orquestra de arco, monótona e romântica, exagerava Saint-Saëns, nas exigências dos bailarinos, e por aqui, por ali, à roda dêles, passava gente, indiferente, desdenhosa, feliz. — «E porque insiste a senhora, que me conhece desde hoje, para que eu volte... amanhã?» Cobriu-se duma tinta sangùínea a sua face de sêda. Há quanto tempo não coraria aquela mulher para que a côr lhe saísse assim pura como a das primeiras alvoradas? — «Porque naturalmente dentro de dois dias... não me lembrarei mais de si...». Santo Deus! Por onde andaria já exgotada a memória naquela cabecita altiva de deusa caprichosa.

SUBJECTIVISMO

. . . . . .

Se o espírito pensa, porque pensa?
Se a alma um dia chora, porque chora?
Que sol, que inspiração, que luz d'aurora
existe ao fundo desta noite imensa?

. . . . . .

São horas altas. Venho para casa só, e subo a ladeira que conduz ao meu casal, tam acompanhado como se comigo viessem tagarelando todos os amigos que vão perdidos por essa vida atrás. As ideas esperam que a gente esteja só para nos aparecerem e são uma santa companhia. E a noite é muito calma, sem rumor de longe, sem um sussurro de fôlhas. As casas escorrem luar como nas aguarelas alentejanas do Alberto de Sousa. Do muro côr de rosa, fidalgo de Lisboa velha, pendem rosas que se saciam no isolamento, e espalham perfumes vagos que o sentido não distingue. Os pensamentos, adormecidos na agitação mecânica do dia, acordam e tomam asas, arrojadamente, como ave que se vê à sôlta e acha pequeno o azul infinito, amaciado de brancura. E é voar à vontade e demorar o vôo, que a manhã vem aí e não tarda que tudo se confunda e amolgue na noite escura, pesada, que existe dentro do dia.

*

O jardim idílico está só. O palácio dorme, cobertas de poeira invisível as pálpebras mornas dos objectos saùdosos. Estão cansados os arbustos, e as próprias estátuas, sempre tam vigilantes, não dão por cousa alguma. Entro no labirinto cujas ruas estreitas ladeadas de buxo compacto, de verdes metálicos e tristes, convidam à fantasia. E justamente chega a inspiração. Ouço gargalhadas. Quem andará pelo labirinto? São damas, que certo se perderam e buscam guia. Jesus, como riem! Vão a acordar os sátiros. Persegue-as alguêm, pois elas parecem correr esquivando-se e vão repreendendo: «Juízo, vá, tenha juízo!» Riem e é agora mais sumida a gargalhada, para de novo rebentar em explosões maliciosas. Ah! A imaginação! Pelos retalhos de sol que o buxo permite, distingo fora os surdos criados graves, que fazem sentinela, e alêm do portão o coche dourado que espera, na impaciência dos urcos possantes. «Dê-me o meu fio de Ariadna, senhor guia!» E outra voz: «Não são

meus braços, veja, o punho insensível da durindana de Rolando». E as gargalhadas não acabam e até julgo que se desfez no labirinto o sentido respeitoso de se perder um cavalheiro com uma dama. Para que a minha fantasia, emfim, cesse, abro os olhos e saio guiado pelo sinal dos meus próprios passos. O jardim continua só, só como o próprio século XX. Nem criados, nem coche, nem sátiros. Nos lagos meditam os cisnes e nos plintos os faunos falam consigo próprios. O labirinto está morto. Nem sequer me esperam, como antigamente, as raparigas de Delos, dançando a vitória do beijo como nos frisos helénicos dos museus...

*

Fica esta capelita de doze palmos, branca, cobertura de pombal, no seu aspecto ingénuo de abrigo para orações de há duzentos anos, aí a umas doze léguas da cidade. Num alto e batida de todos os ventos, vista de longe, ao passar na carripana pela fita branca do caminho, dir-se-ia uma mina de água vir-

gem, daquelas que cortam o dorso das quintas, não fôra a cruz pequenina, de trazer ao peito. Entrei. Tem uma Senhora, muito linda de rosto, de algum modêlo aldeão que andasse a noivar, um azulejo com uma inscrição, vidrilhos, contas, rosários, uma alâmpada de azeite, muitos ninhos de andorinhas e uns poucos de séculos. Morrem e renascem as vinhas, crescem os pinhais, aloiram mil vezes os trigos, casam as moças, e a Senhora sorri, e a alâmpada tremula... Aquietei-me, meti-me dentro de mim, rezei, meditei. Cheio da graça da Virgem tomei outra vez o caminho, e nunca me pareci tam pequeno, tam pobre, tam humilde. O cachopo, saùdável e sujo, que, encostado ao pinheiro mais alto, me fez o seu *salve-o Deus*, êsse, deixando-me passar, acariciou a moeda que lhe rendi, e ficou a chamar seu a todo o mundo.

*

Noite sem escuridão. Olhava eu da minha varanda o céu e perdia-me pelas estrêlas. Ora caía uma e fazia um luminoso

rasto efémero, como uma lágrima de luz. Ora se me afigurava, contra o sentido natural das cousas, que se apagava repentinamente outra. E eu via distintamente no firmamento picado de luzeiros duas clareiras de azul, dois vácuos, que as estrêlas desaparecidas lá deixaram. Se Bilac não mentiu, se as estrêlas do céu são virgens que morreram, deviam naquela hora ter ressuscitado duas, as duas estrêlas que deixei de ver e que a terra recebeu em virgens... Sai agora o casamento da igreja e vejo a noiva envolta de laranjeira florida. Adiante, outro cortejo: vai ao cemitério a menina moça que o destino não quis que noivasse. Encontram-se. Senhor Deus! Qúal delas será a estrêla que se apagou, qual delas será a estrêla que caíu?

A idea da virgindade da mulher é feita geralmente pela assimilação das fontes de madrepérola onde nenhuma sède colou os lábios em sangue. A virgindade seria assim

a ignorância da voluptuosidade, o desconhecimento da verdade da vida na hora da transformação da bêsta, o perpétuo estado vestal da mulher que teima em deixar-se ser menina. A mulher virgem, como o coração das rosas onde não é possível colar o ouvido à escuta, deve ter então perfumes ignorados, santíssimas virtudes não sentidas e uma auréola de frescura como as neblinas eternas que defendem as florestas primitivas e onde a gota quente da sensualidade se evapora numa cobardia. É assim, toda corpórea, a idea que se faz da virgindade na mulher. Mas mentira, leitor, mas mentira, mas infinitamente mentira! Essa virgindade lustral, cerúlea, do diamante não traspassado de sol, não tem nada de material e vive indiferente à carne na beleza eterna das almas que teimam na diafaneidade. Eu já encontrei virgens ideais, mães de ranchos de filhos, e naquela criança de 16 anos, que saíu ontem do recolhimento, eu não sei se, ao tocar-lhe com um dedo, como na orla duma taça, meus ouvidos se encantariam ainda na ressonância irisada, cristalina das canções do berço.

*

Nesta mesma jarra amarelo torrado e pinturas azúis de Rouen, dum esmalte sêco, listrado pelo tempo, com seu círculo de prata torcida em cabos da Índia, nesta mesma jarra onde um cacho de lilases artificiais se cobrem de velhice, na mesma posição em que os deixou a mão que os criou, e cujo beijo doce morreu para mim resignadamente; nesta jarra já estiveram há muito tempo lilases verdadeiros, cheios de frescura, audácia de côr, perfume, verdade, muita verdade. E contemplo a cambraia recortada e colorida das florzitas falsas, e evoco o pó desaparecido dos lilases vivos que ali jazeram, olhando o despropósito dos papéis, os cigarros queimados, a cinza, a desarrumação, talvez os retratos, as cartas, as tiras dolorosas do original. Evoco as flores de ontem e as flores de hoje; as que a natureza deu e aquelas a que as mãos perdidas deram alma. Daqui a alguns meses, quando a recordação de certas cousas tristes não fôr mais que o fumo que anda agora em espirais desesperados à

roda de mim — o pó dos lilases falsos em que se diferenciará do pó dos lilases que foram verdadeiros? As cousas da vida que tiveram coração e uma lágrima e sentido e consciência, em que diferem, passados alguns anos sôbre elas, daquelas que foram só mentira, cobardia, timidez, scena de teatro?

*

Imagine quem me estiver a ler, e principalmente tu, minha preciosa leitora, e amiga sem o saberes; imaginem um campo de neve, muito transparente, muito longo, muito nu, sem horizontes definidos, confundindo-se na miragem pacífica dos brancos, o céu inverosímil vestido de névoa como a extensão inacessível e calada. Não é verdade que é linda na sua tristeza álgida esta planura? Agora a minha gentilíssima leitora vai imaginar mais sôbre êste mar imenso e quieto uma pequenita, aí dos seus cinco anos, vestida de côr de rosa, desacompanhada e feliz, única nódoa de Deus naquele deserto de milhares de léguas, e que vai caminhando, caminhan-

do, seus pèzitos miniaturais, suas passadas de dois palmos, indiferentes à extensão muito transparente, muito nua, sem outra vida, sem outra côr que não seja ela, a pequenita, andando, pèzinhos fazendo pèzinhos na neve, andando, andando, tudo branco sem fim, e ela côr de rosa, andando, andando, andando... — Não conseguiu a minha leitora imaginar o quadro e a figura? Ora talvez não. Mas tentemos. Chame os seus sonhos, os de amor de preferência, vista-os de bébé, abra-lhes a distância infinita das suas ilusões e aí temos. Que graça, veja, passito aqui, passito ali, tam longo o caminho, tam frio, tam só, e ela andando, andando...

*

Falei-lhe da vida, da dor e do amor, e ela ouvia. Seus olhos, mais lindos que a lindeza, se fitaram nos meus fixamente, como presos, como escravos. E eu falava, e ela ouvia. Tinha na fronte serena o sinal de atenção; seus ouvidos morriam para o resto da existência. E eu contava-lhe do

sofrimento, da sabedoria, do sacrifício; e eu ensinava-lhe como se pensa, como se luta, e como se ama, e ela ouvia. Sua cabeça, de esfinge, penetrante como as sagradas estátuas que escutam sempre e vêem no mesmo olhar a vida de há vinte séculos, sua cabecita entre as mãos, ela era minha pelo poder do meu verbo e pela condição do seu ser, nascido para escutar. De súbito, perdeu-se; quebrou-se o seu encanto. Desfez-se a graça bíblica da sua figura atenciosa. Feliz daquele homem que puder sempre conservar, para ouvi-lo, uma cabeça que escute, vestida de inspiração! Tivesse a palavra sempre um coração aonde descansar. Tivesse cada homem toda a vida uma simplicidade discreta que o soubesse entender até o fim!

*

O castelo, reminiscência escultural em ruína do tempo árabe, fica já a muitos metros de altura, e olha para toda a banda panoramas sem destino, como aqueles que se apertam incomensuráveis nas estreitas

fronteiras do crânio. Subo mais e olho; olhar é meditar. Longes tórridos de Espanha, aguarelas cinzentas da Beira e frescos verdes da Estremadura adivinhada, tudo se move à roda, na tranqüilidade da sua própria conformação. Mais dois lanços de pedraria. Os casais, os montes na acepção alentejana do termo, duma brancura ritual, descansam pequenos a amenizar as distâncias como pombas pousadas. E quanto mais subo e comigo sobe o homem, e olha a terra a diminuir de baixo, e quanto mais o homem parece grande na majestade da sua altura, mais êle se sente infinitamente pequeno e cai na necessidade dum ponto de referência a que tenha de se sujeitar no reconhecimento da sua própria insignificância.

*

Outono. Cruzes despidas no adro sòzinho. Horizonte mudo de casas, linhas direitas sem fumo; aguarelas côr de rosa agachadas aos pés dos outeiros, cobardes e vilãs. As árvores nuas de fôlhas, sem flor, nem fruto, nem perfume, nem ninhos, nem sombra, são desespe-

ros contorcidos como o das estampas das páginas de Alighieri, cujos galhos têm sêde, sem carne já a ossatura esverdeada dos troncos. Sol morto, como as aspirações dos medíocres, cuja glória dura uma rosa. Tristeza sem confôrto, tal a saúde fingida dos profissionais do verso. E ninguêm à roda. Frio que se anuncia, na lufada indecisa que vem das cordilheiras, que estão lá para longe. Nudez perfeita e imensa, nudez sublime cobrindo a terra inteira e vestindo as cousas dessa tinta diáfana das sinceridades que torna o nu o único vestido elegante da vida, e faz do mármore frio e sem polimento a representação ardente da beleza heroína. Nudez! Ouço as larvas ressonarem no lençol das lousas, e por sôbre a terra despida de fantasias pressinto a meus ouvidos os passos discretos das almas que vão tateando as verdades sôbre a natureza surpreendida...

*

Meto-me pelo cemitério dentro, como por um jardim, por um horto de saùdades, por um átrio de museu de artes nobres. Estou

só e cai uma chuva miùdinha. Calam meus próprios passos agora e apenas escuto as larvas escondendo-se das lousas para a terra, da terra para os crânios. Sonharão os mortos? Aquele desconcêrto das tumbas que tem sôbre elas uma pedra que nos parece deslocada, não acusará a tragédia dolorosa dos que dormem, e se moveram nas alucinações do irreal? Sonharão os mortos? E quando sonham, acordarão, como dum pesadelo, lívidos, delirantes com o espectro da Vida que se levante diante de seus olhos horrorizados?...

*

Nada comove tanto como uma ruína. A ruína dum palácio, a ruína duma igreja, a ruína duma mulher. Há nelas sempre beleza; tudo está em ter alma para senti-la. É o passado vitorioso a dizer que os anos passaram e passaram os amores. Sempre no sulco do rosto há um romance, que às vezes não terminou de todo. Em cada sala deserta há maravilhas dum mundo morto, que teimam em renascer nas imaginações vivíssimas dos que adivinham. Em cada arco

de ogiva suspensa, em cada cruz que o milagre mantêm, andam cânticos de Páscoa e hinos que ficaram dos noivados. Ruínas! Atravesso a sala nua dos Embaixadores; curvei-me numa saùdade perante a velha rainha que passou e mal pisou o mosaico. Cá fora, no antigo mosteiro, pelos arcos suspensos milagrosamente, abrem-se flores que ninguêm plantou e andam as pombas novas aos beijos. Na insignificância da vida que a gente preenche, ainda é a idea de poder vir a ser também um dia pedra duma ruína eterna a esperança única a dar-nos a mão e a espalhar-nos beleza pelo caminho fora...

*

Mostram-me a reprodução dum cartaz que se exibe a uma das esquinas do Boulevard dos Italianos em Paris. O Arco do Triunfo, majestoso, bênção de todos os heroísmos, tem encostado à sua maciça configuração pesando sôbre êle, dominando toda a mole de pedra, cobrindo as decorações soberbas, desde a *Renomée*, ao *Départ* de Rude, afogando os nomes dos seus 386 generais —

a figura sagrada dum *Poilu*. E uma legenda diz assim: «Êle é tam grande que não pode passar por baixo!» O espírito sintético dos gauleses! E fico-me a pensar. Andam os homens rasteiros toda a vida do mundo, como víboras. Mas quando se erguem de si próprios, quando o sentimento da raça acorda no fundo estagnado da dúvida, logo a figura se torna divina, a imagem cresce e a cabeça esplendorosa, aureolada, como a dos santos, roça pelas estrêlas. Não há página da História, Bíblia, arcano, panteão, onde possa ficar ou caiba na passagem para a imortalidade a personificação simbólica do herói. Quando o homem iguala o deus e rompe da miséria para a perfeição, quando a expressão humana se diviniza, até as cousas majestáticas da vida, como o Arco do Triunfo, parecem inocentes, miniaturais, inverosímeis brinquedos de crianças.

*

Eu ia às vezes pelo *atelier*, onde o feitio recolhido do pintor exercia nos visitantes raros uma acção espiritual de sofrimento. Os modelos — êsses — pousavam ali, como

na praça pública. Porque bem sabiam, essas mulherinhas de curvas perfeitas e maravilhosos encantos académicos, que a multidão as havia de devassar, mais tarde, no *hall* do Salão, ávidamente, luxuriosamente. E entregavam-se assim à contemplação fria do artista, no seu nu simétrico, onde a *nuance* rosa das florações punha reminiscências de mármore polido. Para mim, sempre aquele nu aparecia vestido de convencionalismo, que não seria descaramento mas era já impudor, começava a ser jeito, hábito de se mostrar. Ora um dia disse-me o pintor: «Tenho hoje a estreia dum modêlo. Vem... Verás uma tinta, uma música, uma harmonia nova...». E fui. Tenho ainda nos olhos, e já lá vão anos, aquelas espáduas, duma coloração que se adivinhava apenas, como nas fôlhas das sensitivas; vejo aquela carnação dourada, com reflexos de porcelanas virgens de festins, envolvida toda pela inspiração divina do pintor. Converteu-se depois num milagre o seu quadro! Desde então fiquei a acreditar que o nu, original e pagão, êsse nu liberdade e aspiração máxima, só tem direito a entrar nos domínios da beleza, e a ser santo, quando na super-

... Desde então fiquei a acreditar que o nu, original é pagão ... (p. 106)

Desenho de Carlos Reis.

fície macia dos contornos, onde o sangue escalda ainda de surprêsa, se pode adivinhar a nudez da alma, debatendo-se, impotente já, nas contorsões plásticas do pudor...

*

Evoco aquela cidade velha da Campânia com as suas ruas bordadas de jardins, com as suas *graffiti* e fontes onde os repuxos estrelam prata e sol, tal qual no pátio dos Vettii, com os seus teatros onde parece ainda ouvir-se declamar o *Casino* de Plauto, com as casas das suas cortesãs nas quais o perfume dos trípodes vive ainda no fundo íntimo dos relicários e no coração saùdoso das ânforas. Evoco a maravilhosa Pompeia, negação da ruína, negação da matéria, afirmação da imortalidade da beleza. Cada dia mais, e Pompeia reina. À semelhança daqueles bagos de trigo que ao cabo de 3:000 anos germinaram, assim as estátuas desenterradas de Pompeia conservam a frescura do primeiro Praxíteles. Há almas que são Pompeia. Quantas por êsse mundo, sedentas

como a das vestais sacrificadas ao rito sagrado, não oferecem cada luar novas belezas virgens à Vida? Quantos corações saindo heróis da noite da saùdade, não se abrasam de febre nova, erguendo-se das ruínas da dor como duma cidade ressuscitada de Campânia? Quantos peitos não acendem, na hora da inspiração, a sua luzinha de amor mal entendido, como lâmpada mortiça no altar da divina Isis?

*

Do meu gabinete de trabalho minúsculo e pobre, abafado de tapêtes velhos, forrado de quadros humildes, de cujo fundo se destaca uma ou outra cabeça de escultura virgem, saíu Guerra Junqueiro. A esta cabana de rachador de letras, com uma porta que abre para o meu lar e outra que abre para o jornalismo, casa de toda a gente, faltava esta bênção. O Mestre sagrou o tugúrio. Ouço a sua voz mística e branda, a mesma que ontem, na redacção do jornal dizia que o homem é lodo vil, rezar em prosa, na meia

tinta da tarde, os seus conceitos profundos que são, na forma alada do seu verbo, a estilização da própria espiritualidade. Êste homem, que teve a paixão profética da Arte eterna, fala-me da religião, ou de espírito religioso que descobre ou adivinha na tendência do que me rodeia, em termos que evocam os versos maravilhas do seu génio, no que êles têm de ressonante, como as esplêndidas naves medievais, de rítmico como as arquivoltas da harmonia, de eterno como o próprio sentido da arte gótica. E diz-me: «a religião é a única cousa bela, e tanto pode estar no coração duma religiosa, nas páginas do *Flos Sanctorum*, como no trilo da ave, ou na bôca sensual dos amantes...». Isto foi há meses, parece que foi agora mesmo. A sua frase ressoa-me. O conceito espiritual e humaníssimo com que nestas páginas tenho feito a defesa do que os honestos chamam o pecado dos sentidos cabe à vontade na fórmula do Poeta... Há palavras que brotam um poema; sopros que fazem uma vida. Se me fôsse possível ter aquela fórmula sempre presente eu não faria outra cousa senão livros...

DA GENTE

QUE PASSA

Sobem, descem, cruzam-se, param, contendem — e lá vão. Na estrada da existência cada um que segue leva consigo o mistério da sua alegria, a tragédia da sua dúvida, o seu fardo. Cada homem, sendo um enigma de si próprio, é a explicação do outro homem. Ponho-me a vê-los: Estou de súbito só no caminho, e toda esta gente que passa se acomodou às soleiras, se vestiu de Job e confessa agora, cegamente, a sua miséria: «o vos omnes que transitis per viam, videt et videte si habet dolor sicut dolor est meus».

Ponho-me à esquina e vejo-os, a êles, os homens idealistas, passar como se fôssem cérebros a que se tivesse dado uma forma e humanidade escaldante. Anda dentro dêles uma contínua agitação; discutem consigo próprios, interrogam as cousas, decifram a vida nos minúsculos acontecimentos e, parecendo não sentir as verdades materiais que pesam na vida como pirâmides, são, afinal, os únicos a senti-las. São doidos sublimes, no fundo doidos prodigiosos e bons. A sabedoria que anda no ar e à superfície das cousas, que vive nas belezas e nas monstruosidades, só êles as palpam como voluptuosidades maciças. Vejo-os: têm sulcos nas faces e vão a falar sòzinhos. E neste quarto de hora em que estive a vê-los sumirem-se nos passeios, como mendigos, figurou-se me que tudo o que a vida possui de belo, de grande, de formidàvelmente exacto, vai com êles, na

humildade dos seus olhares, na inconsciência dos seus movimentos, no desdêm superior e instintivo das suas atitudes.

*

A sociedade em que vivemos está tomada duma nevrose colectiva, inverosímil, carregada de sintomas. Observa-se uma impetuosidade furiosa nos propósitos; toda a gente é portadora duma febre de chegar primeiro. O egoísmo é um culto e perdoa-se a ferocidade, e explica-se mesmo e justifica-se. Isto anda patente à superfície dos gestos, no subir para o carro, no comprar bilhete, no tomar lugar no elevador; isto adivinha-se na ocupação dos cargos, na ânsia das situações, na subida, na escalada. Acotovela-se, empurra-se, passam-se rasteiras, metem-se as ancas, os ombros, as pernas. Fura-se sem pudor, e tudo congestionadamente, com os olhos injectados, as mãos crispadas, o cabelo em grenha. Nem reflexão, nem ponderação, nem transigência. A mulher perdeu o sexo e da sua graça distante se esqueceu

o homem. Se algum raro resiste e se fica na contemplação das cousas que não têm vontade, não consegue chegar nunca ao seu destino, e a vez é, para êle, aquele beijo que anda há cinco séculos suspenso da bôca dos namorados, nas estampas e nos azulejos, e nunca chega a despenhar-se.

*

Os altares fremem em milhares de luzes em devoções. No ar, perfumes de incenso e de Lubin. Criaturas de negro entram e saem, como numa romaria, como numa praxe, um protocolo a que se obedece uma vez por ano. As ruas têm gentes movediças, dum negro burguês e inconsciente: mulherzinhas lindas que o preto faz mais lindas ainda, homens sem tipo que andam naquilo como num concurso hípico, e pequenitas extasiadas que adoram as montras dos confeiteiros. Lisboa vive numa dor que se convencionou e nessa dor alegra-se, anima-se. E tudo em nome da Paixão! Fico-me a adivinhar, no contraste, os mistérios negros da vida, os ocultos, ignorados sofrimentos. Pobres al-

mas apaixonadas, que não têm como o Cristo o seu himalaia de círios e as suas preces em lábios doces de venturas e amendoas! Quanta Paixão, sem sexta-feira, à espera da lâmpada duma carícia e da oração dulcificada dum beijo!

*

Saio do campo e entro na multidão, como um farrapo perdido. Sobe e desce a turba, linhas de gente movediça cortam as ruas de diagonais, todo o formigueiro é mancha alagada, irregular, fosforescente. As criaturas fazem todas uma face única onde há esgares, contracções, máscaras, sintomas de nevrose, desesperos, anseios, misérias. Nada se apura de todo o amálgama inexpressivo. Tudo aquilo anda e a um tempo está parado, ruge e é silencioso e morto. A multidão é Oceano, sempre o mesmo desde a hora da criação e a toda a hora as suas moléculas diferentes do que eram antes. Esta gente é a mesma do começo da raça, guarda os traços ancestrais, e um dia agitada, provocada a sua tempestade, ela galga, ela sobe, ela sub-

merge. Vem ao de cimo então o reflexo instintivo da barbarie, e o homem toma a agilidade feroz do primeiro monstro. O homem, eu, tu, aquele, todos nós, que todos somos parte integral dêste mar imenso, à superfície coberto de scintilações, e no íntimo revôlto e sanguinário como um leão ciumento.

*

Vou sòzinho pela estrada. É escuro e as árvores têm formas híbridas, que a exaltação da pressa de chegar anima até a inverosimilhança. Dum lado e de outro quintas donde recebo aromas, ora a feno e a estrume, ora a lilases e a madre-silva. Os cães ladram furiosamente. Paro. Porque diabo ladram os cães? E prossigo, mas logo os cães ladram outra vez adiante. Que haverá por aqui? Ladrões? Mendigos? E continuo a andar, e logo a canzoada oculta, distante, atraída pelos de perto, recomeça a ladrar, a ladrar. Paro de novo; parecem calar-se os molossos. Mas, cinqùenta metros andados, os cães redobram: — Eh, gente! — grito. E é então um côro unísono, furioso, de gùelas

rugindo à beira dos caniçados, por dentro dos muros. Percebo, entendo agora. O ladrão, o mendigo sou eu. E deixo-me ficar, opresso, minutos, minutos a ver se êles se vão, os cães. E êles vão, de facto, convencidos já da minha não existência. Aos poucos só ouço bater dentro de mim próprio o coração doente, e sigo então em bicos de pés, como por uma passadeira de quarto, para não acordar as crianças. Chego ao meu destino. É aurora. Dormem agora os cães voluptuosamente e uma orquestra de galos enche a minha alma até o infinito...

*

Conheço alguns e venero-os, naquela veneração íntima e inconfessa que os homens têm para aqueles que um dia sonharam, viveram, agiram por qualquer cousa tornada santa. Os desiludidos são os vencidos dos ideais, os que sucumbiram na luta pela glória ou pelo amor. Os desiludidos foram os grandes que acreditaram, os maiores na jornada de todos os amores, aqueles em cujo olhar brilhou a chama que passou depois a nossos olhos. Como certos poetas mortos,

que se respeitam na velhice abatida, os desiludidos tiveram o seu poema, que não chegou a ver o sol, e continuam a crer nalguma cousa, pela crença ou fogo sagrado que transmitiram aos outros. Os que nunca se desiludem são os que nasceram scépticos, egoistas, individualistas, cerrados. A desilusão é a flor da árvore da fé quando a árvore se torceu, sem o milagre da realização. Venero os desiludidos! No tronco que abateu rebentam raízes; na fogueira que se apagou ficam carvões ardendo. Quando os vejo, sentados, entre punhos a cabeça, à mesa dos cafés; quando os visito nos seus quartos frios, sem livro, sem amor, figura-se-me vê-los cobertos de flor nova, a rebentar por todos os lados, na multiplicação teimosa, na perduração inevitável dos ideais...

*

Vende cautelas e é cego. Ceguinho de nascença, tem a voz mais linda da terra, dum timbre ressonante de neve esplêndida de alturas, voz fresca, romântica, que vai distrair no íntimo dos gabinetes os raros que estu-

dam e sobe às mansardas dos quintos andares, penetra no ouvido, acomoda-se na alma de cada um e fica a cantar, a cantar o seu pregão como se cantasse um salmo ou uma *romanza* de amor. Enche a rua, o cego; a sua voz é franca, vibrátil, prega a felicidade num número da lotaria e embala as misérias no sonho da ventura. Os seus olhos apagados, fitos no incerto objectivo que se esconde na caixa morta das próprias órbitas como se fitassem o infinito, não causam medo. Êle, o cego, que nunca viu, nem suspeita que se possa ver ou ter visto alguma cousa que não seja a sorte grande, pára, abre agora a sua voz de ouro, anima a sua cabeça antiga de filósofo, um pouco a lembrar os Sócrates de pedra nos jardins, e canta. É o herói: tudo se acalmou na música da sua garganta, o desespêro nos lares, a labuta nas oficinas, as cantigas na bôca das crianças, os hinos trilados nas gaiolas. Lá vai, rua abaixo, cantando a sorte, a felicidade, a fortuna. «Como se isso pudesse existir!» — dizem as mulheres às soleiras. E outras, abrindo-lhe o caminho, que êle tateia com a bengala e junca de promessas: «Coitado, se êle não vê. Se êle não vê nada!»

*

Faz ali um lugar alto, que desenha por si um eirado, debruçado duma banda para os campos frescos do Mondego e da outra para o palacete velho dos velhos marqueses mortos. Detive-me. Como é estrada por ali e vai tempo de vindima, não tardou a passar o carro de bois, desta vez, o que é raro, com a boieira pequena, à maneira do alto Norte. Conversámos. Que simplicidade! Como ela sabe contar para onde vai, de que vivem seus amos e como é feliz com um pedaço de broa, um púcaro cheio, e azul todo, sem nódoa de nuvens! Preguntei se sabia cantigas, e, dizendo que sim, foi logo de enfiada três e quatro toadas bonitas e rudes como os painéis aqui das capelas em redor, rimando mal, mas tam bem rimando, que inda agora as ouço, no ritmo dolente da cachopita. Vemos ao longe um automóvel que rápido chega, levantando um mundo de pó. Dentro aconchegavam-se, cansados do trajecto, senhoras da cidade e dois senhores finos. Era da melhor marca o auto. Passou. A civilização

deixa no ar durante minutos assinalada a sua visita. Mal vejo agora, no véu da poeira, a fachada do palacete e a fronte morena da boieira. Vem um ventinho. Volta a tranqüilidade ao sítio. E a boieirinha, quietos os bois, quieto o rio, quietos os corações e as cousas todas, num conluio, continua, para eu ouvir, os seus cantares ingénuos das noites claras...

*

A certa altura entrou no eléctrico, para o banco último onde eu ia, uma rapariguita magra e bonita que pediu licença e se sentou. Via-a então melhor, e não era apenas bonita; era linda. Tinha reflexos de Mimi Pinson no seu cabelo insubordinado descoberto ao vento, na gaiata expressão do rosto e até no seu olharzito receoso, estendendo-se pela avenida húmida e quási deserta, árvores nuas, canteiros mal vestidos de flor, fôlhas ao abandono, como almas. E dela não fiz reparo em mais nada. Mas o condutor chega e manda-a apear. «Porquê?» fez ela, num sobressaltado espanto infantil, que não

me foge mais da retina, coberto de púrpura o seu rostozito surpreendido. «Apeia-te, já sabes». Ela talvez soubesse, talvez, que se apeou logo, mais húmida agora que todas as tardes de outono a expressão resignada dos seus olhos. — Se lhe deste a lindeza peregrina, que afirma o teu poder criador, Santo Deus! porque lhe não destes uns sapatos?...

*

Cedinho. Frescura no ar, a noite que ainda respira, e a seiva dos campos que se abre no acordar dos verdes lavados. Cedinho e já canta por toda a parte a vida. Dum interior sobem notas duma toada; um homem conduz bois e canta. Cantam mulheres à beira dos caminhos, e, já na povoação, uma petiza de laços no cabelo canta à soleira da sua porta. Vou andando e a terra comigo cheia de canções. O campo canta, a estrada canta, a aldeia canta, e em tudo se faz a harmonia dos hinos humildes. Aquela que vai, silenciosa, e não me viu, canta dentro de si o seu noivado; essa outra que não correspondeu aos

meus bons dias, fia o linho e canta recordações. A cantiga e a pobreza são irmãs e são os pobres que cantam melhor. Onde ouço uma voz vestir-se de melodia encontro uma necessidade de confôrto, uma pobreza: êsse desconhecimento de felicidade, e que é a felicidade plena, e que tanto cabe no casebre humilde do que não jantou ontem, como na herdade abastada daquele a que não falta cousa nenhuma, e a que falta — ai dêles! — a que falta sempre uma cousa!...

*

Há, perto donde eu moro, certa velhinha que pede esmola num portal, e em cuja mãozita encarquilhada e trémula eu me habituei a deixar, sempre que passo, qualquer sinal de mim, que quere dizer: «sua bênção!». Não tem ela nunca para os meus quarenta anos outra frase que não seja esta: «Deus lhe dê aquilo que o senhor mais deseja...». Relíquia dum tempo que ela já não avalia, sombra de si própria, passado desfeito que sabe-se lá para onde andou, eu amo, talvez

só pelo seu olhar maternal, e quási piedoso, essa ruína que teve a sua frescura, a sua mocidade, talvez a sua beleza. Não diz nunca ela para mim «Deus lhe dê aquilo que o senhor mais deseja» sem que seus olhos apagados se iluminem momentâneamente e eu me comova na sua luz. Para nenhuma moeda de ouro a sua riqueza de expressão terá maior carinho! Interroguei-me já se eu serei filho dessa velhinha. E fui-me hoje a lembrar, caminho abaixo, que talvez na prece que ela ergue a Deus por mim, que talvez no desejo dum bem que ela me queira, vá a evocação dum bem maior, mais doce, que Deus nunca lhe desse, ou ela deixasse ter perdido...

*

O barco carregou-os num cais qualquer, lá para o fundo dos molhes. Eram três centos dêles, movediços e tisnados, exército iludido de aventureiros, a caminho dos fulvos litorais imaginários, em cujo fundo as pérolas dormem, à espera que dedos infantis dos pescadores lhes abram as arestas polidas das con-

chas. O barco largou de madrugada e eu vi-o passar, defronte de S. Julião. Naqueles homens, a dor silenciosa de deixar a terra tomava formas impalpáveis de estátua. Dir-se-ia que a dor fazia um todo, e nesse todo cada adeus tinha côr, e vestia um som, e modelava um relêvo misterioso. Silenciosamente, os homens, acumulados na pôpa como condenados, elevavam um côro, estendendo os braços, sem os estender, para a terra que fugia no crescimento fatalíssimo da distância. Era uma orquestra muda de saùdade; uma coral de almas em eflúvio. Ainda vejo o barco; ainda ouço o silêncio ôôhh! ôôhh!, enchendo o ar de murmúrio, como o próprio murmúrio das ondas abrindo passagem ao dorso gigante do paquete.

*

Aqui há uns bons vinte e tal anos — contam-me — havia em Lisboa dois rapazes irmãos, dum pobríssimo apelido Silva, que passavam por arbitrar as elegâncias da época, dando leis no trajar, freqùentando todos

os salões aristocráticos, S. Carlos, as casas dos políticos da situação, muito perto das câmaras do Paço, onde, porventura, alguma vez teriam entrado, como príncipes, por entre as figuras maciças dos alabardeiros. Protegidos da fortuna, correctos, talvez de grande educação — não sei — não lhe foram os amores, sempre em roda de aventuras, tam faltos de prodigalidade que não tivesse aura o seu sempre defendido segrêdo de conquista. Há depois um intervalo. Êsses rapazes, que andam hoje à roda dos 55 anos, vivem miseràvelmente num quarto da rua dos Correeiros, um dêles coberto de chagas e outro paralítico num catre, que outra cousa não será o antigo leito de penas. É o paralítico que, como pode, lava a lepra do irmão e é êste que ajuda o outro a voltar-se e no resto vela numa dedicação de santidade, que não terá limites. Diz uma criatura, que uma hora por dia ali vai fazer limpeza, única visita naquele antro, que os dois elegantes de 1890 nas horas em que, lavadas as feridas e acomodada a posição, podem descansar, se entretêm, inundados de felicidade os rostos cavos, a rememorar os tempos de longe, as aventuras felizes, os episódios, as brigas,

a sua beleza opulenta de trinta anos. E, quando sucede haver um lapso, ou uma minúcia onde não acerta a reminiscência, logo um corrige: «mas isso não fui eu, fôste tu!» E o outro: «Ah! é verdade, fui eu, e até sucedeu que...». E é então um rebentar de gargalhadas frescas que dá uma vida efémera aos membros mortos e abre em explosões as chagas mal ligadas.

APONTAMENTOS

Traços, impressões da existência, pincel que caiu e ligou duas tintas, jeito de olhar o que anda à roda de nós, e de fixar no lápis o rodopio dos mortais — apontamentos ágeis... Um beijo, uma flor, um papel — nada. E emtanto o amor, a beleza, a sabedoria.

Viveu entre flores na sua meninice, entre flores na sua juventude. Aos 16 anos casou com um belo moço, fidalgo como ela e primo ainda, e foram, até ela enviùvar, cedinho, quatro anos e meio entre rosas e madre-silvas de que se revestia a casa, branca como um pombal lavado. De então aos seus dias de hoje, mãe de homens fortes como personagens bíblicas, e estes já pais e já avôs, entre flores se foi tornando diáfana, mística a sua face de sêda, de menina eterna, de modo que até no andar, no falar, no querer, seus modos se aproximam, pelo jeito ingénuo, dos modos das suas rosas e dos seus bisnetos. Vejo-a chegar agora, princesa de conto verdadeiro, à sua larga cadeira de vêrga tenrinha, sob as tílias enormes, de fôlhas ténues, num pequeno caramanchão que o criado antigo, que a traz pelo braço, lhe arranjou há já um quarto de século, perto do espaldar de azulejo duma fonte. Ouvi-a dizer ao velho: «As

tílias não têm agora flor. É muito difícil, Manuel, levar estas velhas árvores para outro lugar?» Sorriu o velho. «Impossível. Duzentos anos de raízes. Um milagre». E a senhora, noutra pregunta: «E os ciprestes também florescem?» — . . . Quando voltei a casa, a noite já pelos caminhos, dançavam-me na evocação as lendas orientais que a gente imagina que foram os novelistas que criaram. . .

*

Numa destas últimas noites acordei sacudido por um sonho, feito de trovoadas e cataclismos inverosímeis. A impressão do pesadelo abateu-me e tirou-me o sono para o resto da noite. Tomei o partido de alterar as horas e introduzi-me como um estudioso maníaco no gabinete soturno de trabalho, que deita para a varanda. Que linda a noite! Ia pela terra inteira uma serenidade infantil e no céu dum azul expressivo as estrêlas scintilavam como nas noites calmas do velho Stambul. Quantas vezes, afinal, a realidade tem mais côr de rosa que os sonhos onde

as quimeras vestem de mentiras as alucinações desesperadas da existência. Tantas vezes! Tantas mas tam poucas, que quando isso sucede logo nos tomamos do desejo de contar o facto a toda a gente, e de registar um côro unísono de agradecimentos ao céu o milagre bíblico das trovoadas, convertidas num dossel tranqüilíssimo de estrêlas...

*

Agora se anuncia de Nova-York um novo método precioso e eficaz na cura da tuberculose. É de inventiva brasileira e consiste numa injecção de certo líquido na pleura do doente. De vez em quando o telégrafo traz estas esperanças platónicas à humanidade enfermiça, mas os dias continuam a desenrolar-se, como catástrofes, e os métodos de cura nunca se estabilizam em termos de aliviar a percentagem monstro das vítimas. A cura da tuberculose! Para cada um doente, que tenha ainda olhos para ler e sentido para raciocinar, ela há-de parecer uma pungente ironia dos sábios tratadistas. E mesmo que

viesse a cura, que o telegrama não mentisse — tam longe o método lá na América, e tam perto a morte nas gargantas esfrangalhadas da tosse! — o pobre sacrificado não deixaria de exclamar como aquela diáfana criaturinha que o conde de Sabugosa aguarelou na sua *Mater Dolorosa: «tam tarde, minha mãe; tam tarde!»*.

*

Sôbre a mesita redonda de mármore negro ela encosta o busto ágil, apoiada toda nos braços débeis e nus, a cabeça de cigana parisiense descansada na sua mãozita preciosa de Columbano. É gaiata, quási *canaille*, bonita e duvidosa. Os dedos livres sustêm o cigarro descarado, e o fumo dum azul opaco e bom faz auréola. Na taça, o ouro Pomery ferve silenciosamente. E estou a vê-la. Melindrosa, ligeira, esbôço duma mulher que devia ser, adivinhação duma alma, orgulho de ser assim tal qual — lábios vermelhos e olhos húmidos — ama-se esta criaturinha no minuto fugitivo da sua impressão,

[illegible]

Desenho de Alfredo Moraes.

que se vai, que se escoa, como o fogo do *champagne*, como a nicotina dormente do pequenino *Semiramis* romântico. Ama-se assim êste Saxe melindroso. Quem é? Em que pensa? Quem espera? Que o homem o não saiba nunca. A mulher para ser amada tem de ser assim, sonho trémulo duma taça, espiral de fumo, gaze, apontamento. Seu nome perfumado? Nada. Que êle não seja mais do que isso: fuga, apontamento...

*

Debruçada sôbre mim, eu pequenino e respeitoso diante do seu perfil branco de duquesa, os seus sessenta anos de pomba eterna aconchegados numa ternura amiga à minha mocidade de estoura-vêrgas; debruçada sôbre mim aquela mulher, senhora de filhos homens e de netos gentis como infantes de lendas medievais, surpreende a atenção que eu pousei na graciosa renda, creme antigo, que cobria o damasco do almofadão onde a Mary, a sua netinha predilecta de 16 anos, costumava repousar a cabecita, nos intervalos de Schubert. E dizia eu: «Que sonhos,

senhora, teriam ajudado a tecer esta intriga castelã de linhas? Que aspirações de amor ao serão das noites frias? Que nuvem de saùdade anda ao redor desta cabeceira, que eu quereria no vitral monástico do meu recolhimento?» E ela, a dama venerável, cuja mão beijei no seu marfim polido, engastou um sorriso na resposta e pronunciou: «Essa renda que eu teci, então mocinha de dezasseis anos, conheceu as minhas aspirações de mulher criança. Todos os sonhos se realizaram, meu filho. Queres ver?...» E no enlêvo da sua evocação, eu, surdo aos passos suaves que o tapête mal ia acusando, encontro-me de súbito ante um maravilhoso apontamento ligeiro, traço possível de Perugino, melódica combinação de humano e de irreal, coloração inverosíml, renda, trémula renda, toda ela renda, como o linho tecido onde costuma descansar a cabeça de pássaro adormecido: a melindrosa Mary, marquesita de poetas do preciosismo. Santo Deus! Tenho ainda nas minhas mãos profanas a impressão da sua cabeça dourada. E de facto, toda ela, mais que milagre, era harmonia de bilros, castelo de sonhos realizados, uma renda...

*

Fazia o lugar um eirado e os rapazes jogavam o pião, menos um, que se limitava a ver, comendo tranqùilamente o seu bom tassalho de broa. Contemplar o jôgo das crianças é voltar à nossa própria criancice, na evocação dos jogos infantis e da vida perdida que se não refaz senão pela memória enevoada e saùdosa. Atrás do jôgo recorda-se a época, o lugar, as cousas que havia, as pessoas que viviam, quem nos queria bem, e a paz, uma paz que se transforma logo que se transformam os divertimentos e os jogos, e não torna mais... Mas, súbito, o que comia propôs-se comprar a um companheiro o pião roliço, que bailava suave e prometia triunfos. E o outro que não, que não; que não vendia por dinheiro nenhum. Mas logo, olhando a broa de trigo, onde o outro ferrava os dentes brancos e miùdinhos, transigiu: «Só... se me deres êsse quarto de pão...»... Bom Deus! Quando é que nós no nosso tempo, ó rapazes que ides a velhos como eu, quando é que nós vende-

mos o nosso pião por outra cousa que não fôsse um pião ainda maior e menos zaragueta? E, feita a troca, ficou o comprador a jogar logo ali, e o outro seguiu comendo o seu pão e com êle bebendo as lágrimas...

*

Trabalhou toda a vida, esperançoso e forte de invencíveis ilusões eternas. As territas que comprou, bons tempos, uma boa chapelada de libras, eram sêcas como um madeiro, morto na própria raiz. Tudo êle desbravou, mãos rudes, braços potentes, olhos em Deus, alma lavada como seixo batido do regato corrente da sua fé. Tinha um filhito: tudo para êle, que êle havia de crescer e de ser homem. E cada ano novos milharais, novas vides, outro amanho de horta, mais lindo o pomar, mais belo o canteiro das flores, mais fresca a sombra do telheiro. E o seu rapaz cresceu e veio a guerra, e por lá foi valente como os mais e de lá tornou. Mas, grande Deus, outro homem é já, no querer, no sentir, no desprêzo pela terra, pela casa,

pela horta, por êle, o bom velho pai! Foge do campo como dum inferno. Quere a cidade só, o demo do rapaz. E alfim caem as ilusões no esperançado trabalhador! «Se êle não quere saber disto! Se foi para êle que trabalhei, e se êle...». E chora, êle que nunca chorou. Já morrem de sêde as novidades, estiolam-se os cachos, minguam os espigueiros. Abatidas a enxada e a pá, não tarda a quinta a ser um ermo. E, encostado à soleira, deixa correr os dias fitando os montes longe, muito longe, longe como a cidade para onde o rapaz fugiu, ingrato, cruel, parricida...

*

Os cemitérios são lindos! O do Alto de S. João deita para campos de aguarela, hortas frescas, um retalho de rio; o dos Prazeres olha a cidade da banda nova, que há dois séculos era terra de pão, e enfrenta o Tejo. Já vi o do Prado, o do Repouso. Vi os pequenos cemitérios de aldeia. É tudo bonito. Quando por lá me perco, num dia de acompanhamento fúnebre, deixo-me sem-

pre ficar. Lanço-me então na contemplação da existência, e o espírito atinge paragens sublimes na asa da meditação. O que de belo há no Universo, o que de grande, o que de formidávelmente bom e mau! O amor e o trabalho, nas suas mil conformações de sacrifício, e que são toda a existência, surgem a primeiro plano. A agitação abre o seu manto sedutor e a tranqüilidade feliz, perfumada dos mortos, parece-me um vício. Sinto diante da Morte, com o desprêzo por ela, a maravilha santíssima da Vida.

*

Navios parados... Mastros esguios, como lanças, despidos da roupagem das velas, pontos de admiração fantásticos, abrindo a sua surprêsa ante miséria, ante a ambição, ante a luta vigente por essa terra fumegante, que crepita incêndios e dor... Navios parados, na tranqüilidade calma da baía: o espelho das águas retrata-vos na trémula miragem, toda a ânsia da fuga, toda a sêde indomável da solidão, a saüdade do Oceano,

Navios, muitos mais destinados ao abandono (p. 200)

Desenho de João Vaz

o amor das águas infinitas, em cuja superfície, santíssimo Deus, se balouçam os vossos arcabouços, navios que eu estou a ver parados e tristes, e os arcabouços dos tripulantes, felizes na incerteza, amantes das ilusões no horizonte, apaixonados da dúvida cinzenta das tempestades. Navios, mastros nus, destinos ao abandono. Vós tereis amanhã — oh quem vos seguira! — o firmamento enorme para realizardes o vosso sonho, lendo nas estrêlas, ou o seio do Oceano inteiro para vos aquietardes, abençoando a morte...

*

«A minha pequenita foi ontem pela primeira vez para o colégio» — conta-me um pai, o rosto inundado de alegria a fingir indiferença. Interessei-me e êle pormenorizou. E então era ver-se o entusiasmo daquele rapaz, franco e lial, que só tem na vida um desgôsto sério: o da rapariga não ser um rapaz. Partira contente a miúda, como para a primeira comunhão, mas ruborizada, envergonhada, numa graça, o ca-

belo dum louro princesa caído, uma fita côr de rosa em laço que lhe ia — dizia o pai — muito bem! «Linda! Digo-te mais, nunca tinha dado por a garota ser bonita. E isto dela ir para a escola fez-me a primeira lágrima. É que me lembrei do dia em que ela terá de ir... para a igreja». Pobre pai feliz! Como se a lágrima que êle pôde chorar diante de mim, ontem, ao abrir-se o colégio, possa parecer-se, de longe que seja, com aquela da hora do noivado da menina dos seus olhos, e que êle não poderá desprender na presença do mundo! Como aquela que terá de sorver na altura em que o noivo lhe venha dizer: «meu pai!».

*

Aquilo que a gente escreve a quem pertence? a nós que escrevemos ou ao público que comprou a leitura? De quem é a carta que se traçou febrilmente a desvendar um segrêdo, a pedir misericórdia, a abrir uma alma? De quem é o beijo? da bôca que o desprende, ou da bôca que o recebe? O amor

que uma pessoa tem a outra, de quem é mais? Quem, com mais direito, pode dizer «é meu»? o que ama ou o que é amado? O trabalho do cérebro, a obra duma inteligência, a asa duma inspiração a quem pertencem? ao homem ou ao mundo? De quem são as cartas da freira de Beja? de Chamilly ou de Mariana Alcoforado? — Preguntas ingénuas são e eu não lhes sei responder. Só sei que quando algum mortal aparece a dizer «isto pertence-me», duma cousa que outro sentiu, criou, entendeu, e por ela se consumiu e queimou, me surge logo diante dos olhos êsses que andam pelo dorso das montanhas virgens, descobridores de tesouros, à cata dos diamantes. Tenho repugnância instintiva e superior por essa posse hereditária que cai do céu, contrária ao sentimento e à razão, a mesma que sinto quando um ninho de arte vai cair nas mãos dum palafreneiro, a mesma que me revolve quando um segrêdo de amor, que devia ser intangível para os oficiais de diligências, se desvenda em pleno tribunal, escancarado como uma gargalhada, no ouvido imbecil das multidões.

*

Em qualquer grande vila do Mondego, há tempo, suicidou-se diante dos cabos, no acto de ser preso, um mancebo da capital, sôbre o qual pesava a notícia telegráfica acusatória de ter desfalcado em tantos contos uma firma comercial. Fizeram-lhe o entêrro condigno: um lençol, um coval àparte por imposição dum sentimentalista da polícia, duas pás de cal e estas noites suaves de luar a cobrirem-lhe a lousa. Ninguêm atrás da carcassa. O padre não quis ir encomendar o cadáver. A autoridade regalou-se nessa manhã com um bonito relatório para Coimbra. Visto e revisto o espólio do tresloucado, foram-lhe encontrados intactos os tantos contos do suposto desfalque. Diz-se agora que durante a captura e horas subseqùentes o acusado ouvira a seus ouvidos as mais estranhas revelações íntimas, que o surpreenderam a ponto — diz um que presenciou — a ponto de o fazerem pronunciar esta ingénua frase, que é um alibi: «isso não pode ser possível...» O possível

terminou com a morte. Agora, mais nada. Silêncio. Só se sabe que ao cemitério branco da vila vai todos os dias chorar, rezar, depor flores, uma mulher bonita que não é dêstes sítios. Um cabo pregunta a si próprio se esta mulher não será aquela cujo nome êle pronunciou, num *truc* grotesco, a fim de provocar uma confissão. Um romance tudo isto, diz a minha gentil leitora. Banalíssimo, acrescenta o meu comentador. Nem a vida toda é outra cousa, afinal, senão um romance feito realidades em cada uma das suas mil páginas inverosímeis.

*

Neste minuto em que tu, leitora compassiva, ainda despenteada e mal refeita de sonhos rosa, passas teus lindos descuidosos olhos pelo jornal feito de átomos da vida; neste minuto, pelo dorso de montanhas, carreiros, serventias, fitas de estrada, caminhos de pé pôsto, ruas de aldeia, avenidas de cidade, córregos estreitinhos — milhares de homens, em suas malas de coiro, levam a

outros tantos, em formas de asa que fôlhas de papel são, as surprêsas mais desencontradas da existência. No fervilhar da vida, seus passos não se distinguem; a tragédia, até a tragédia da felicidade que êles conduzem, corre despercebida. No ruído monótono dos milhões de conflitos de almas, êles, cínicos e indiferentes, sobem, descem, voltam, insistem como minúsculas formigas que ninguêm olha. Que tens hoje contigo que se te pintaram as faces de nova tinta de júbilo? E tu, porque choras? Coração pequenino, afeito à tranqüilidade dos lagos azúis — porque pulsas tanto? Sorrisos, dúvidas, prantos, indecisões — quem vos trouxe! Que passou hoje que não tivesse passado ontem? Que foi?... Nada, nada. O correio...

*

O homem seguia na carroça, para a recolha, já depois do serviço, com um petiz, seu filho, aí cinco anos, ao lado dêle no banco. A carreta leve, a muar alta de pernas, uma cova, um solavanco e o petiz desequi-

librou-se e caíu entre os varais. Passou-lhe uma roda pelas pernas. Ia na estrada de Benfica. Havia por ali uma festa de ar livre e desportos e lá havia de haver médicos. O homem carregou com o filho. Estou a ver o Dr. F. : «O pequeno está morto. A queda foi-lhe fatal. . .» — «Mas você diz que êle está morto?. . .» — «Homem, tenha paciência. Morto!. . .» O carroceiro não pronunciou um termo ; atirou o pequeno para trás das costas, como um fardo, e seguiu estrada, cego, alucinado, os braços e a cabecita do filho caindo para trás de si, de bambalhão. Grenha descoberta, espadaúdo, selvagem de linhas, passos largos de quem não tem destino, o homem avançava. «Como êle leva a criança a dormir», comentavam. Esteve para ser atropelado pelo eléctrico, pelos autos, pelas carroças cem vezes. Não via, não sentia. O fardo parecia não lhe pesar muito. E seguiu. . . e seguiu. — Não há vez nenhuma em que me noticiem a morte dum pequeno que não pregunte se há um pai. Não me interessa se há mãe, mas se há um pai. É que nunca me desapareceu dos olhos aquele bêbado de dor, fardo morto às costas, trágico, alheio. Isto vai há oito anos ; estou

a vê-lo. E vejo mais esta fita de estrada da vida, cheia de homens curvados que vão com o seu fardo, a sua dor, a sua cruz, avançando, seguindo, bêbados, alheios, perdidos, vagos, nenhum dêles se apercebendo que vai uma alegria doida pela terra inteira, e há cantos dentro dos ninhos, e perfumes dentro das rosas, e resignação dentro das almas...

*

Não dormi esta noite... — Um amigo meu tem uma filha, única e bonita como todas as crianças, seis anos, cabelo a passar do louro virgem dos bambinos para o meio tom castanho das primeiras letras. O pai diz que não há criatura mais linda na terra, e a mãe, a mãe essa diz que a pequenita é um anjo. Tinha há cinco dias ainda a côr imaculada dos meninos de Rubens, que eu vi, entre nuvens, nas tábuas do Prado. Sobreveio uma meningite. Não há sôbre êste mundo sofrimento maior. A criança passou já do período convulso para o período asténico, e tomada dum torpor decisivo dá de si apenas para

testemunhar, entre aflições, a justiça equívoca de Deus. Já não lhe põem gêlo; a morfina, abandonada sôbre a mesinha, deixa no quadro a nota cruel do recurso. Não dormi esta noite... Leitor, tens filhos?

*

É lindo o palacete. Estou no alto da cidade, vejo uma nesga cinzenta de mar, os telhados das sete colinas e ouço fervilhar a vida. Mas estou só; há perfumes da terra. É da felicidade o melhor que sei. O palacete é lindo, ao alto do jardim maravilhoso. Rosas, moitas de rosas, flores de rosas, um muro todo de rosas, um repuxo fininho no meio daquele Versailles, larga defesa de gradeamento todo em redor, e dentro, olhando para mim, serenos, meigos, patas dianteiras servindo de apoio, seis molossos da Serra da Estrêla. Estou de fora. O portão está bem fechado. Sinto-me um miserável feliz. Lá dentro vejo o proprietário: é um velho de 70 anos, que espalha o olhar pelas aguarelas distantes, cheias de frescura das últimas chu-

vas. Perto uma netinha, quatro anos, estropia brinquedos. As aias sorvem o remanso do *crochet*. «Tem cinco mil contos, o velho», dizem, e acrescentam que, estando dado por perdido pelos médicos, melhorou logo que sua única filha lhe deu aquela neta. E o velho vai vendo os montes já longe, e a petiza agora corre, e cai, e levanta-se, é a vida daquilo tudo. É feliz o ancião. Mas estará nos cinco mil contos a felicidade dêle? Lá se pôs agora o sol. Venha ver, leitora. É lindo, muito lindo, o poente por entre as rosas. Veja como esta luz de ouro, combinada com o ouro do cabelo da miúda, parece dar ao velho a impressão da felicidade. Olhe como a beija, olhe, veja, veja...

*

Ouço toda a noite, às vezes até que o ar refresca com indicações de madrugada, aquela máquina de costura pedalar, pedalar. Tenho adormecido a ouvi-la. É um cântico de resignação. Move-a uma pequena de seus 18 anos, duma palidez bonita de mártir, e que

eu encontro uma vez por outra de manhã, com sua malinha de mão, a caminho da modista distante. Vejo que a sua lindeza se veste, dia a dia, duma diafaneidade pronunciadora, e adivinho as tragédias do coração. Sei a história dessa rapariga, que aos domingos enfeita a face dum sorriso, põe flores e chega à janela quando passam foliões e serenatas. Mais do que seria legítimo supor-se, tenho pensado nela, na sua máquina, na sua costura, na mãe que ela sustenta, no pai cujo crânio sob a lousa branca alimenta raízes, no irmão pequenito e traquinas que ela veste. Nos intervalos da prosa o seu lirismo suaviza-me. E, não sabendo como ela se chama, sei, todavia, que se chama Resignação.

*

Nuvens cinzentas tapam o azul, desenham monstros e cobrem de tristeza os fundos de paisagem que se lobrigam desta varanda arejada, donde se pode nas noites caladas falar às estrêlas e interrogar o coração das cousas. Vai chover, vai desfazer-se em água

ACABOU DE SE IMPRIMIR

a 30 de Abril de 1920

NOS PRELOS DA

IMPRENSA NACIONAL DE LISBOA

Composto em máquina «Linotype»

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

PQ
9261
A76M5

Araújo, Norberto de
Miniaturas

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 08 05 06 008 7